

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE ARTES - CEART
BACHARELADO EM MÚSICA**

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NA MÚSICA:
Uma Etnografia na *Batalha das Mina* 2016**

**FLORIANÓPOLIS
2016**

PEDRO TORRES

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NA MÚSICA:
UMA ETNOGRAFIA NA *BATALHA DAS MINA* 2016**

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Bacharelado em Música do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Música.

Orientadora: Professora Doutora Vânia Beatriz Müller

**FLORIANÓPOLIS
2016**

PEDRO TORRES

**EMPODERAMENTO DE MULHERES NA MÚSICA:
UMA ETNOGRAFIA NA *BATALHA DAS MINA* 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Música do Centro de Artes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Música

Banca examinadora

Orientadora: _____

Professora Doutora Vânia Beatriz Müller
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Professora Doutora Tatyana Alencar Jacques
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____

Professora Doutora Carmen Susana Tornquist
Universidade de Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 6 de dezembro de 2016.

Agradecimentos

Sou muito grato, pela minha família e pelas amigas e amigos que me deram muito apoio; e das relações sociais que tive com pessoas e comigo mesmo para chegar onde estou, em consciência.

Sou muito grato ao grupo de pesquisa de gênero e música, aonde comecei a me aprofundar nos estudos de gênero.

Sou muito grato, a professoras e professores que puderam me passar muito conhecimento que busco acumular mais e mais.

Sou muito grato a arte que eu levo na minha vida como uma professora que me ensina e me liberta.

Sou muito grato as *minas da Batalha* que me conscientizaram de várias questões que me interessam muito.

Sou muito grato a minha orientadora que me disponibilizou com muito carinho e atenção um acervo enorme de conteúdo e *insights* para o trabalho e para a vida.

Sou muito grato a banca avaliadora por dedicar de seu tempo e me ajudar na conclusão deste trabalho.

Sou muito grato a qualquer leitora ou leitor que estiver lendo e se propondo a aprender junto comigo.

Sou muito grato a tudo que conspirou para me dar luz e força.

RESUMO

O presente trabalho visa estudar e ilustrar como pode acontecer o empoderamento de mulheres e do gênero feminino através de uma prática musical, olhando para uma experiência que ocorre na prática, no centro de uma capital (Florianópolis) à noite. Nesse movimento de representatividade de mulheres é proposta uma prática musical onde só as mulheres tem voz, na parte do evento que dura mais tempo e que leva o nome do movimento. A etnografia aqui se baseia em uma fundamentação teórica voltada para os estudos de gênero; e estudos de música e gênero.

Palavras-chave: Empoderamento; música e gênero; *rap de mina*.

ABSTRACT

The present work try to study and illustrate how can happen the woman's empowerment and feminine gender empowerment through a musical practice, looking for a real experience that happens in the center of a capital (Florianópolis) at night. In this movement for woman's representativeness is proposed a musical practice where only the women voices is claimed, in the moment of the event that takes more time and that gives the movement its name. This ethnography is based on a theoretical foundation turned for gender studies; and studies marked by the relation of music and gender.

Keywords: Empowerment; music and gender; *girly rap*.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo estudiar e ilustrar cómo puede suceder la potenciación de la mujer y la hembra a través de una práctica musical, en busca de una experiencia que se produce en la práctica, el centro de una capital (Florianópolis) en la noche. Que las mujeres que ocupan el movimiento propone una práctica musical en el que sólo las mujeres tienen una voz en el caso de que dura más tiempo y que lleva el nombre del movimiento. Etnografía aquí se basa en un fundamento teórico dedicado a los estudios de género; y la música y los estudios de género.

Palabras clave: Empoderamiento; la música y el género; *rap* de niña

RÉSUMÉ

Ce travail vise à étudier et à illustrer comment il peut arriver à l'autonomisation des femmes et des femmes à travers une pratique musicale, la recherche d'une expérience qui se produit dans la pratique, le centre de une capitale (Florianópolis) dans la nuit. Que les femmes occupant le mouvement propose une pratique musicale où seules les femmes ont une voix dans l'événement qui dure plus longtemps et qui conduit le nom du mouvement. Ethnographie ici est basée sur une base théorique consacrée aux études de genre; et des études de musique et de genre.

Mots-clés: Empowerment; la musique et le sexe; *rap* de fille

Sumário

INTRODUÇÃO.....	22
1 REVISÃO DE LITERATURA.....	24
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	28
3. METODOLOGIA.....	38
3.1 Minha entrada em campo.....	39
3.2 Procedimentos etnográficos.....	45
4. DESCRREVENDO UM POUCO DO OBJETO DE ESTUDO: “Aí nem um cara vai constá pra acabá com a nossa voz, a gente fala mêmo, a gente aqui é mó veloz”...48	
4.1 “Tem algum mano, mana, mona pra somar no beatbox aí?”: Autoras subalternas e identidades.....	55
4.2 “... só quer me ocultar, só quer mostrar a bunda, buceta e mulher oferecida”: Invisibilidade das <i>Mina</i>	62
4.3 “Fala mêmo, fala mêmo...”: Consciência das políticas de gênero e suas interseccionalidades.....	68
CONSIDERAÇÕES.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	80

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, peço licença para falar desse assunto, tendo consciência de meu lugar de privilégios, enquanto homem branco heterossexual cis de classe média.

O feminismo chegou aos meus ouvidos pela presença de muitas amigas que estiveram em minha vida, pude ver algumas dessas se empoderando desde quando não se diziam feministas, até se tornarem mulheres fortes, livres de construções sociais, espontâneas e mais felizes. Como homem, eu não sinto o assédio e todas as pressões sociais que uma mulher sente em seu corpo; eu não sinto essas dores na pele, mas sinto no coração quando vejo mulheres muito especiais na minha vida passarem por situações tão tristes, consequência do machismo. Então por empatia eu acredito no feminismo; assim como eu não sou um animal explorado pela indústria da carne, mas, por empatia, luto pelo vegetarianismo.

Acredito também na luta do feminismo porque ele propõe desconstruir padrões e modelos machistas e patriarcas, como forma de se comportar, modo de sentir e reagir, forma de se vestir e falar, modelos esses que são impostas em qualquer cidadã ou cidadão, pois nossa cultura quer generificar as pessoas para ocuparem modelos e seguirem esses. Como homem, quero lutar contra o machismo porque ele também impõem padrões em mim, colocando até mesmo meu próprio psicológico contra mim. Acredito que existem questões na nossa forma de se relacionar que são seguidas inconscientemente por padrões generificados e busco desconstruir, tendo consciência de que em tudo ou quase tudo podemos localizar a categoria gênero sendo bem influente. Acredito, inclusive, que um grande problema da agressividade se dá por conta de formas de se identificar ou afirmar dentro de gêneros, assim como limitações que nos impomos para afirmar nossos gêneros.

Eu não espero ser o único a falar de empoderamento feminino, e sei que não sou; e não desejo definir ou me protagonizar na fala de uma realidade que não vivo. Então o trabalho de caráter etnográfico fala de minhas percepções e observações, visando aprender com uma cultura e realidade da qual eu não faço parte, e trazer visibilidade da academia para a realidade externa de seus campus.

A área dos Estudos de Gênero me interessou muito quando comecei a tomar consciência de que qualquer indivíduo, como eu, é vítima das construções sociais e

relações de gênero. Desejei aprofundar nos Estudos de Gênero quando percebi que este é um fator que sempre deve ser levado em conta ao estudar o ser humano e suas relações, por estar presente em tudo ou quase tudo.

Escolhi a *Batalha das Minas* como objeto de estudo porque, além de ser uma prática exclusiva de mulheres, é também pelo enorme encanto que tive quando a conheci. Vi mulheres tão fortes e sensíveis, ao mesmo tempo, com musicalidade e muita consciência social e histórica, propondo um evento de caráter matriarcal, subvertendo vários padrões e modelos esperados numa cultura imposta pelo patriarcado. Ali eu consegui ver uma micro revolução crescer na consciência minha e de várias pessoas que frequentam o movimento.

Início o trabalho com uma breve revisão de literatura (capítulo 1) partindo de alguns estudos de gênero, relacionando com a área da música, e aproximando até estudos que tratam das relações de gênero e música em Florianópolis.

Então proponho uma fundamentação teórica, como capítulo 2, baseada em autoras e autores que escrevem sobre gênero e música, para uma compreensão teórica do que estive estudando na prática com a *Batalha das Minas*. Essa fundamentação de alguns estudos de gênero me trouxeram uma consciência diferente para os detalhes que observaria em campo.

Apresento minha metodologia no capítulo 3, contando como foi a coleta de dados; e como foram algumas sensações ao me inserir no campo de meu objeto de estudos, como pesquisador pela primeira vez; e denfedo as características e proporções do trabalho.

Tudo para chegar no capítulo 4, que é aonde busco fazer uma reflexão com os dados coletados para entender e ilustrar como acontece esse empoderamento. É aí onde irei descrever melhor então o objeto de estudo, como acontece a *Batalha das Minas* e um pouco de descrição de quem são essas *minas* (por questão de modelo acadêmico não descrevi antes dos outros itens, sugiro então para as leitoras e os leitores que queiram antes conhecer do que se trata o trabalho, faça esse jogo de amarelinha pulando daqui para o capítulo 4 e voltando daqui em diante, ou como preferir seguir daqui mesmo).

Então sigo com algumas considerações pessoais após estudar as questões presentes no trabalho.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Em Santa Catarina temos sediado desde 2005, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o IEG (Instituto de Estudos de Gênero), que tem redes com núcleos de estudos interdisciplinares dentro e fora do país. IEG contribui para a comunidade com o Seminário Internacional Fazendo Gênero, que já está na sua décima primeira edição; com a REF (Revista de Estudos Feministas) que desde 2004 publica 3 versões por ano textos de estudos feministas e de gênero interdisciplinares, e tendo sua primeira publicação desde 1992; Cursos, disciplinas e cursos de especialização de Gênero e Diversidade na Escola.

Publicado pela REF (2008): *Gênero, o público e o privado* é uma tradução de um texto da autora feminista Susan Moller Okin (1998, p. 116-141). Neste artigo Okin debate como as relações de gênero estão presentes em duas esferas: pública e privada - podemos associar como doméstica e não-doméstica -, e como não podemos discutir gênero sem levar em conta essas duas esferas. A autora dialoga que por mais que com o sufrágio, e os direitos trabalhistas – que dizem respeito a igualdade de direitos e as relações de poder na esfera pública –, mesmo assim ainda há muito de desigualdade de direitos e de relações de poder entre gêneros na esfera privada/doméstica. Essa consciência da dicotomia publica/privada irá dialogar com meu trabalho, onde as *minas* se empoderam em uma esfera pública – as ruas –, me interessa saber de qual esfera vem primeiro esse empoderamento, ou se ele se dá reciprocamente nas duas esferas, e como é a volta às esferas privadas/domésticas após todo o empoderamento que constroem ali nas ruas.

Afunilando os estudos de gênero para a área da música, temos diversos estudos já internacionais. Como o clássico *Feminine Endings* de Susan McLary (1991) onde ela discute sobre a relação de poder entre gêneros e a invisibilidade de mulheres e do gênero feminino no universo da música. É um texto clássico para a musicologia feminista e que faz um mapeamento de diversos tipos de estudos feministas que a musicologia pode abordar.

Em 2013 a ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música) lança uma coletânea de artigos - da Série Pesquisa em Música no Brasil

– intitulada *Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas*, onde diversas autoras e autores trazem artigos independentes.

Em *Género, musicologia histórica y el elefante en la habitación*, Teresa Cascudo e Miguel Aguilar-Rancel (2013) fazem uma revisão de bibliografia traçando uma historiografia da entrada dos estudos de gênero na música através de diversas áreas a estudarem gênero como ciências sociais, biologia e psicanálise. Também trazem atualizadas perspectivas aos estudos de gênero e música convidando a maior exploração deste assunto nas pesquisas da área musical, por acreditar como Susan McLary (1991) que a música pode ser uma forma de reforçar dominações socialmente construídas, e vendo de uma forma mais otimista como também pode servir de confronto: “el papel que la música despliega en la construcción y refuerzo de ideologías dominantes e, igualmente y a la inversa, en cómo puede desafiarlas y resistirlas” (p. 39).

Catarina Domenici (2013) em *A Performance Musical e o Gênero Feminino* trata da relação de submissão que a performance demanda, fazendo uma crítica aos paradigmas da performance como forma de submissão ao compositor, comparando a/o performer como uma sacerdotisa de Apolo que só rompe seu silêncio para emprestar sua voz à um deus homem, comparando essa relação de poder entre compositor-performer com a relação homem-mulher. Interpreto que a autora aponta como o modelo musical e a história da música construiu lugares generificados, espaços até onde cada gênero e sexo podem ocupar. Em meu trabalho eu lido com mulheres que por serem compositoras de sua própria música vão contra esse modelo de espaços generificados.

Também sobre a questão da dificuldade de mulheres para entrar no espaço da composição e não da performance Pirkko Moisala (2015) em *A negociação de Gênero da composição Kaija Saariaho na Finlândia: a Mulher Compositora como Sujeito Nômade*, a autora comenta, através de entrevistas, as dificuldades e situações que Saariaho passou como mulher compositora, levantando a questão da falta de representatividade – ou quem sabe visibilidade? – de mulheres na área da composição. A autora questiona: Como uma mulher que tem capacidade e desejo de se tornar compositora se enxerga (ou até se permite psicologicamente enquanto mulher) em um lugar ocupado por apenas homens compositores ao olhar para a história da música? Comentando até, através de entrevistas com a compositora,

estratégias da (pseudo) neutralização de gênero, que na verdade é uma masculinização da própria pessoa.

Por mais que os artigos anteriores falem de questões do universo erudito. Vânia Müller (2013), com seu artigo intitulado *Música e Gênero: impressões de um trabalho de campo no Rio de Janeiro*, através de um trabalho etnográfico estuda e aponta as relações de gênero na Lapa e no grupo Itiberê Orquestra Família em 2009 - então universos da música popular e da realidade nacional. Ela mostra como em pleno século XXI numa cidade e num bairro conhecido pela sua “modernidade” ainda encontramos problemas de relações de gênero.

A resenha *Os percursos da etnomusicologia feminista nas últimas quatro décadas: uma visão de dentro por Ellen Koskoff* publicada em 2016 pela REF Rodrigo Gomes (2016) além de resenhar o texto da autora, ainda faz um breve levantamento dos estudos de gênero e música na etnomusicologia brasileira.

Afunilando um pouco mais dos estudos de gênero na música popular brasileira, agora para a realidade de Florianópolis. A dissertação *Comunidade Rock e Bandas Independentes de Florianópolis: Uma etnografia sobre a socialidade e concepções musicais* de Tatyana Jacques (2007), a autora tem um capítulo que fala das relações do rock com o gênero feminino. Aqui comparo a “pegada” rock – termo utilizado pela própria autora – com a “pegada” do hip hop – urbano, político, contra-cultura – e ligação com o gênero (socialmente construído) masculino. Esse texto possui um subcapítulo onde ela demonstra algumas dificuldades de mulheres no universo musical do rock, e da falta de visibilidade para as mesmas que ocupam esse espaço.

Continuando na ilha catarinense, na área do samba Rodrigo Cantos (2010) em seu artigo *Samba e Relações de Gênero na Ilha de Santa Catarina* diz que “a partir do trabalho de campo, levantamentos e entrevistas, percebemos que a atuação das mulheres é significativa, não se dando apenas na condição de coadjuvantes, mas sim como transformadoras deste movimento musical.” (p. 1) Aqui traço um paralelo em como a *Batalha das Mina* tem atingido espaços de representatividade no rap, que veio para ocupar esse lugar e resistir.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de tudo devemos entender que uso aqui uma diferença entre sexo e gênero: sexo relacionado a corpos físicos, e gênero como símbolos socialmente construídos. Susan Okin (2008) já argumentava que “gênero” se refere a institucionalização social de diferenças entre sexos, que o termo é usado não para falar só de diferenças sexuais, mas muitas vezes diferenças essas sendo socialmente construídas. Socialmente construída através de modelos e representações de gênero imersas na nossa cultura, para qualquer membro, desde sua criação enquanto criança, passando por toda a sua vida. “A combinação crítica de várias ênfases feministas levou a tentativas de se entender o gênero como uma construção social e política, relacionada a, mas não determinada pela diferença sexual biológica.” (OKIN, 2008, p.316). Identidade sexual usarei aqui para falar de corpos (mulheres, homens, trans, cis, queers)¹, enquanto gênero será para identidades de fatores extra físicos, como personalidades e características. Uso a binaridade de gênero masculino/feminino a partir da construção social de nossa cultura (emocional/racional, corporal/mental, maternal/paternal...). Então sexo e gênero são coisas aqui separadas, mulheres terão tanto gêneros femininos quanto masculinos em cada momento e cada situação, o mesmo se dá para homens.

Assim, gênero está em tudo, em corpos e em símbolos sociais durante toda a história da humanidade, sempre se levou em conta o fator gênero.

The codes marking gender difference in music are informed by the prevalent attitudes of their time. But they also themselves participate in social formation, in as much as individuals learn how to be gendered beings through their interactions with cultural discourses such as music. Moreover, music does not just passively reflect society; it also serves as public forum within which various models of gender organization (along with many other aspects of social life) are asserted, adopted, contested, and negotiated. (MCCLARY, 1991, p. 7 e 8)²

1 Para mais informações consultar: <http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>

2 Os códigos que marcam diferenças de gênero na música são informados pelas atitudes prevalentes em sua época. Mas eles também participam da formação social, na medida que indivíduos aprendem como ser seres com gênero através de suas interações com discursos culturais tais como a música. Ademais, a música não reflete passivamente a sociedade; ela também serve como um fórum público dentro do qual vários modelos de organização de gênero (juntamente com muitos outros aspectos da vida social) são afirmados, adotados, contestados e negociados. (Tradução livre)

Então não há como falar de um fator social sem perceber que o gênero está presente e impregnado em qualquer aspecto cultural. Na música, Susan McClary (2002) e Catarina Domenici (2013) revelam o quanto no universo da música erudita houve tentativas de masculinizar o fazer musical.

The charge that musicians or devotees of music are “effeminate” goes back as far as recorded documentation about music, and music’s association with the body (in dance or sensuous pleasure) and with subjectivity has led to its being relegated in many historical periods to what was understood as a “feminine” realm. Male musicians have retaliated in a number of ways: by defining music as the most ideal (that is, the least physical) of the arts; by insisting emphatically on its “rational” dimensions; by laying claim to such presumably masculine virtues as objectivity, universality, and transcendence; by prohibiting actual female participation altogether. (MCCLARY, 1991, p. 17)³

Observa-se que no fazer musical – modelo ocidental estudado pela história da música erudita – não só foi invisibilizada a prática de mulheres, como qualquer relação com o feminino. O fazer arte é algo que está muito ligado à espontaneidade, a inspiração, à improvisos, e a estados de fluxo emocional. Em música, que perpassa pelo sentido da audição, e ainda quando instrumental que não há texto explícito, faz da música uma expressão artística muito subjetiva. Então na música instrumental erudita – ainda mais no período clássico e iluminismo – a subjetividade, que sempre esteve relacionada a feminilidade, sofreu diversas tentativas para racionalizar o fazer musical, abandonando improvisos, e fluxos de criatividade livre, para adotar esquemas racionais como formas musicais, e assim defender a masculinidade racional desses homens que faziam música. Devemos levar em conta que estamos falando do universo da música erudita, já na música popular o uso da corporeidade e liberdades improvisatórias estão mais presentes. Mas mesmo na música popular muitas vezes associa-se a virtuosidade com o domínio racional de elementos da teoria musical, como o domínio e entendimento harmônico e de escalas, e procura-se ainda uma maior racionalização.

A música das classes baixas foi direta ou indiretamente teorizada como desordem, uma ameaça sonora e social *externa* [,,] A música clássica como

3 A carga de que os músicos ou devotos da música são “afeminados” remonta até os primeiros registros sobre música, e a associação com o corpo (na dança ou no prazer sensorial) e com a subjetividade fez com que fosse relegado em muitos períodos históricos ao que era entendido como reino “feminino”. Músicos masculinos retaliaram de diversas formas: definindo a música como a forma de arte mais ideal (é dizer, a menos física); insistindo enfaticamente em sua dimensão “racional”; alegando virtudes presumidamente masculinas, tais como objetividade, universalidade e transcendência; proibindo a participação feminina como um todo. (Tradução livre)

desordem, em comparação, localizou o inimigo como uma ameaça *interna*; seus termos não eram mais a distinção de classe, mas tornaram-se a distinção de gênero dentro da classe dominante. A música era potencialmente efeminante; era uma ameaça específica à identidade masculina. E pior, quando confinada à prática feminina, a sua relação com a corporeidade e a excitação sexual era percebida como uma ameaça à autoridade dos maridos. (LEPPERT, 1993, p.7)

Aqui Richard Leppert faz um paralelo com a música de classes alta e da realidade da música erudita. Vânia Müller (2013) e Tatyana Jacques (2007) demonstraram em seus trabalhos etnográficos o quanto o fazer musical nega o gênero feminino, quando seus objetos de estudo para obterem a “pegada” da música, por exemplo, precisam “tocar com o pau duro” (Muller, 2013, p. 347); quando mulheres e questões associadas a feminilidade se tornam ameaça para bandas de rock, e se busca gêneros musicais mais agressivos e masculinos representados com nomes como “*cock rock*” (JACQUES, 2007, p. 96); quando seus objetos de estudo estavam na busca incessante em “tocar como homem”; quando instrumentos são mais para homens ou mais para mulheres. Moisala (2015) ainda fala sobre a mulher ser mais bem aceita no meio da música quando está mais velha, e não jovem e feminina.

Assim como foi tentada a invisibilização do feminino no fazer música, houve o mesmo com as práticas musicais das mulheres. Durante muito tempo na música ocidental e colonizadora tivemos que lidar com a invisibilização de mulheres na música, de mulheres autoras. Pirkko Moisala (2015) aponta o quanto a trajetória da compositora finlandesa Kaija Saariaho foi árdua enquanto mulher compositora: “(...) mesmo que tivesse um grande interesse em compor, ela não acreditava que poderia um dia tornar-se compositora. Suas imagens de um “compositor” e de uma “pessoa criativa” não se ajustavam com sua própria autoimagem” (p. 4). Então vem a questão da representatividade: como pode uma pessoa se identificar ou se sentir capaz de fazer algo, que só foi mostrado na história feito por pessoas de outro sexo? A autora do artigo através de entrevistas com a compositora narrou o quanto a compositora se sentiu por muito tempo como uma intrusa no universo musical, e o quanto ela ver apenas imagens de homens compositores e passar por professores, homens, de composição, fazia ela se sentir insegura nesse meio.

Entre os colegas do sexo masculino [na Finlândia], eu era a única mulher. Mesmo que suas esposas e namoradas estivessem muito presentes, elas eram completamente outra coisa. Os meus colegas do sexo masculino eram

leais a mim em grande medida, mas, em algumas ocasiões, havia as tais coisas “masculinas”, e então eu era tratada como uma intrusa. (...) Era bastante óbvio que as pessoas não podiam me reconhecer [como compositora]. ‘O que você está fazendo aqui, garota bonita?’, perguntou-me um compositor mais velho. Isso naturalmente não reforçou a minha confiança enquanto compositora. Ao contrário, fiquei desconcertada, mas não podia demonstrar. Eu não acho que isso tenha atingido meu senso de vocação, mas talvez, afinal, tenha tornado tudo mais difícil. (MOISALA, 2015, p. 10 e 11)

Entrevista realizada pela Moisala com a compositora em 1995, e quando a entrevistadora pergunta sobre as tentativas de subjugar-la pelo gênero:

Elas nunca terminaram; elas nunca acabam. Eu não posso acreditar que elas acabem algum dia. Estou bastante resignada com meu destino nesse sentido. Hoje em dia, o mau tratamento devido ao meu gênero acontece, embora com menor frequência. Acho que quando estiver velha, com muitas rugas, eles já não vão ousar tentar [risos]. Às vezes, penso que, se um homem estivesse nessa posição, será que ele precisaria pensar nas mesmas coisas que eu penso apenas para lidar com isso? (MOISALA, 2015, p. 11)

Bárbara Biscaro (2014) nos mostra que mesmo quando se queria o gênero feminino – aqui no caso desse artigo, a voz feminina – o universo musical ainda evitava a presença de mulheres, como é o caso dos *castrati*⁴ na ópera: “A ascensão dos *castrati*, portanto, também remonta uma necessidade de substituir o timbre e a voz feminina como único corpo permitido a ter voz no recinto das Igrejas: o corpo do homem.” (p. 20)

Então quando é negado seu sexo e seu gênero num meio, uma alternativa é tentar esconder seu gênero, neutralizar seu gênero, para quem sabe assim dentro das normas patriarcais merecer atenção. O que na verdade acontece é uma pseudo neutralização de gênero, não se neutraliza o feminino, se abafa, masculiniza, então na verdade essa pseudo neutralização leva a masculinização de gênero. Inclusive isso foi uma estratégia adotada pela própria compositora Saariaho em pleno século XX; A androgenia de Laurie Anderson retratada por Susan McClary (1991); E também a negação do feminino das integrantes da banda Itiberê Orquestra Família (Vânia Muller, 2013), e das bandas de rock de Florianópolis (Tatyana Jacques 2007). Até hoje é possível ver mulheres que para entrar no universo misógino da música precisaram (pseudo) neutralizar seu gênero, negando o feminino, evitando a

4 Do italiano, castrados. Homens que durante a infância foram submetidas a castração para que não desenvolvessem hormônios que tornariam suas vozes mais graves, e mantivessem o alcance de notas altas.

gravidez, escondendo o próprio corpo, engrossando o timbre da voz, optando por roupas de gênero “neutro”, ou por assim dizer, masculino.

Susan Okin (2008) levanta um olhar importante para as relações das esferas públicas e privadas, então ela mapeia a predominância dos gêneros nas esferas:

Os homens são vistos como sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família. (Okin, 2008, p. 307 e 308)

Além das construções sociais terem negligenciado os papéis e participação das mulheres nas esferas públicas – mesmo quando as sufragistas conseguiram adquirir direito ao voto, mesmo com maior participação de mulheres em campos de trabalho, de estudos e produções artísticas – ainda assim na esfera doméstica e na família era reservado uma obrigação para as mulheres. Com o “duplo papel” da mulher nas duas esferas (OKIN, 2008, p. 313) e a falta de representatividade nas esferas públicas, torna ainda mais árdua a participação das mulheres em esferas públicas, como papéis políticos, e participações em meios artísticos, e conseqüentemente, reforçando ainda mais uma vez a falta de visibilidade e representatividade.

A autora aponta que o gênero influencia também na liberdade dentro de cada esfera, por mais que mulheres tenham direitos iguais/semelhantes na esfera pública, ao imergir na esfera privada essa liberdade pode não ser muitas vezes a mesma, então ela fala de direitos à privacidade:

Como os estudos feministas têm revelado, desde os princípios do liberalismo no século XVII, tanto os direitos políticos quanto os direitos pertencentes à concepção moderna liberal de privacidade e do privado têm sido defendidos como direitos dos indivíduos; mas esses indivíduos foram supostos, e com frequência explicitamente defendidos, como adultos, chefes de família masculinos. Assim, os direitos desses indivíduos (...) eram também o direito desses indivíduos a não sofrerem interferência no controle que exerciam sobre outros membros da sua esfera de vida privada – aqueles que, seja pela idade, sexo ou condição de servidão, eram vistos como legitimamente controlados por eles e tendo sua existência limitada à sua esfera de privacidade. Não há qualquer noção de que esses membros subordinados das famílias devessem ter seus próprios direitos à privacidade. (OKIN, 2008, p. 308)

Tanto na esfera pública, onde a mulher que por muito tempo não tinha os mesmos direitos trabalhistas e salários iguais (hoje tem?)⁵, o direito ao voto, representatividade de outras mulheres na política, no trabalho, ou meios artísticos, ainda na esfera doméstica – a qual ela mesma é associada – seus direitos não são iguais e as relações de poder ainda acontecem. Mesmo atualmente que existem muitas mulheres nos campos de trabalho, ainda há dificuldade porque quando voltam a esfera doméstica ainda são associadas ao trabalho em casa e cuidado das crianças.

Nos valores das famílias tradicionais quando o homem volta da esfera pública para a doméstica ele possui o seu direito a privacidade, pois pode chegar tirando os sapatos, esticar os pés na “poltrona do paisão” e ver sua televisão enquanto espera sua mulher, seus filhos, ou uma empregada doméstica fazer sua comida. Já quando as mulheres voltam da esfera pública para a doméstica – por mais que em realidades de classes econômicas mais altas quando se pode pagar uma empregada doméstica – ela chega em casa com a obrigação de cuidar das crianças e “zelar” pelos cuidados da casa e família.

Sobre o direito a privacidade Susan Okin (2008) critica o liberalismo e Locke no *Segundo Tratado de Governo*:

[...] nesse argumento clássico a favor do liberalismo *laissez-faire*, a defesa que Locke faz da tolerância religiosa se baseia em parte em um apelo ao que ele claramente considera ser um direito já amplamente reconhecido à privacidade. Ao apelar para um âmbito dos “negócios privados domésticos” no qual ninguém consideraria interferir, ele especifica como uma dessas questões obviamente privadas a decisão de um homem sobre o casamento de sua filha. Que a filha possa, ela mesma, ter um interesse nessa escolha, e possa, assim, ter um direito à privacidade para escolher seu próprio marido, não parece ter passado pela sua cabeça. Nem o fato de que os homens tivessem, naquele tempo e por muito tempo depois, o direito legal de bater em suas esposas e crianças, e de forçar relação sexual com suas esposas, parece ter provocado nele qualquer hesitação ao especificar que “toda força [...] pertence somente ao magistrado”, de maneira que associações privadas não devem usar a força contra seus membros. Não há qualquer dúvida de que os direitos à privacidade em Locke dizem respeito aos chefes de família masculinos em suas relações uns com os outros, e *não* a suas relações com aqueles que lhes são subordinados. Esse fato, no entanto, é freqüentemente ignorado pelos liberais contemporâneos que apelam para esses direitos. (OKIN, 2008, p. 321)

5 <http://www.geledes.org.br/mulheres-e-indigenas-tem-os-salarios-mais-baixos-da-america-latina/#gs.flF43YE>; “(...)No meu trabalho, quando ganho trinta reais a menos por ser mulher(...)” (trecho extraído do questionário).

Por mais que pareça uma realidade distante tratada por Locke, ainda hoje cabe perguntar que direito a privacidade tem as mulheres quando decisões sobre o próprio corpo ainda se encontra nos papéis da constituição, como é o caso do aborto? E mesmo além de questões constitucionais, que direito a privacidade é esse quando vivemos em uma cultura que estimula assédios sexuais, e estupro o tempo todo? Quando há uma série de questões psicológicas que dificultam a liberdade da mulher? Como é o caso de ser julgada dependendo da forma de se arrumar que ela escolhe, do gênero que ela escolhe, das suas escolhas sexuais, escolhas de comportamento; há uma série de moldes que a mulher é submetida pela sociedade e muitas vezes pelo próprio psicológico.

A partir dos estudos de Nancy Chodorow (1974 e 1978) na psicanálise, Susan Okin (2008) discorre sobre o quanto os modelos de gênero afetam psicologicamente as crianças, então argumentando um dos motivos de mulheres serem associadas a cuidados familiares. Se desde nova a criança que se identifica com o sexo do genitor – homem – que está sempre fora de casa, menos presente na esfera privada, a capacidade e necessidade “individuação” (p. 317) dessa criança se torna mais fácil. Enquanto a criança que se identifica com o sexo do outro genitor – mulher – a percebe passando mais tempo na esfera doméstica e cuidando da casa e da família, sua capacidade de “individuação” se torna mais complexa e ela vai tender a sentir necessidade e que é preparada para os cuidados da família, reafirmando toda estrutura da divisão dos papéis de gênero na esfera privada. A autora comenta, utilizando-se dos estudos de psicanálise de Nancy Chodorow (1974):

[...] para o desenvolvimento da criança, de identificar-se com o genitor do mesmo sexo é muito diferente para as meninas, para quem esse genitor está geralmente presente, e para os meninos, para quem o genitor com quem devem identificar-se está freqüentemente ausente por longos períodos do dia. Portanto, ela argumenta, as características de personalidade nas mulheres, que as levam a ser psicologicamente mais conectadas às outras pessoas, a ter mais probabilidade de escolher o papel de nutrizes e a ser vistas como especialmente moldadas para isso, e aquelas características nos homens, que os levam a uma maior necessidade e capacidade de individuação e de orientar-se para a conquista de status “público”, podem ser explicadas como originadas no arranjo dos genitores, nos primeiros anos de vida da criança, no interior da própria estrutura de gênero.” (OKIN, 2008, p. 317)

A visibilização das mulheres nas esferas públicas – como na música – sempre foi uma luta, só que mesmo quando estas entram na esfera pública, muitas vezes

elas tem um espaço reservado – um adendo à realidade atual do Brasil, quando a mulher tem espaço na política, esse espaço não pode ser acima de homens, seu espaço está reservado para a “bela, recatada e do lar” como Segunda Dama prestadora de serviços sociais.⁶ Catarina Domenici (2013) fala desse espaço reservado às mulheres:

A concepção platônica da obra musical requer um *performer* nulo, dócil e domesticado, através do qual a obra se manifesta em sua plenitude préconstituída, à semelhança de uma sacerdotisa de Apolo, a qual rompia seu silêncio apenas para emprestar a sua voz ao deus. (DOMENICI, 2013, p. 89)

A autora compara as relações de submissão do interprete ao compositor com as relações de submissão masculino/feminino, como nos ideais de performance *werktreue* (p. 91) que busca a total neutralização do performer para que só sobressaia a arte do compositor, sem deixar qualquer rastro artístico da interpretação.

Catarina Domenici (2013) aponta que as mulheres não deveriam engajar-se em assuntos importantes (públicos), pois podiam se tornar ameaças para seus maridos. A prática musical, principalmente de instrumentos de teclas, era um estímulo para entretenimento doméstico e despretensioso, e para as mulheres tocar um instrumento de teclas era muitas vezes associado à sua “beleza feminina”, ao dote, e fetichismo. Os homens estudavam composição e tinham o espaço racional de escrever e pensar a música, já para as mulheres era reservado o lugar de interpretar, não de pensar, mas o lugar do corpo, como houve muitas mulheres cantoras líricas, assim como na música popular, a visibilidade da mulher de práxis está no corpo e na voz – e não no pensar – gerando ainda um fetiche para os homens que assistem.

O pensar a música, o racional, é tido como um espaço convencional para os homens. Como mostra Vânia Muller (2013) e Tatyana Jacques (2007) era esperado que as mulheres musicas ocupassem espaço, ou na voz, ou em instrumentos melódicos, já que precisa-se do racional para pensar harmonização, e como é tido

⁶ No segundo semestre de 2016, quando a mídia conservadora não aceitavam a presidenta Dilma enquanto mulher num cargo de presidência, até criticavam a palavra presidenta, e uma série de revistas conservadoras lhe chamavam de descontrolada e sem capacidade para o cargo político. Porém quando o governo Temer assumiu após o (golpe) impeachment de Dilma, as mesmas revistas que criticavam uma mulher que estava no primeiro plano, acima de outros homens, lançavam matérias elogiando a primeira dama (abaixo de um homem, seu marido presidente) propondo um modelo de mulher que ocupe esse espaço de ser “bela, recatada e do lar”, e sempre abaixo de um homem.

socialmente nas estruturas de gênero, a mulher está afastada desse racional masculino para pensar harmonia. Mas quando ao piano (um instrumento também harmônico) eram-lhes reservado apenas o espaço de interpretação onde elas não precisariam de pensar ou criar música, mas de executar corporalmente músicas compostas e pensadas por homens. É tido esses espaços do pensar/interpretar, da mente/corpo dentro dos moldes de gênero. Isso explica um pouco da dificuldade – em pleno século XX – da compositora Saariaho trazida anteriormente, quem sabe se ela fosse interprete ao invés de compositora essas dificuldades não existiriam.

Catarina Domenici (2013) traz o exemplo de uma mulher que compunha, mas que obteve seu mérito por ser interprete esposa de um compositor homem. Clara Josephine Wieck (vulgo Clara Schumann)⁷: “(...) necessitava-se de um *performer* que fosse a encarnação da máxima cartesiana e do ideal de fidelidade e reverência à autoridade do compositor. Clara foi a pessoa certa, na hora certa.” (DOMENICI, 2013, p. 99).

Como o objeto de estudo se trata de uma prática de rap, cabe aqui falar um pouco do movimento e culutra hip-hop.

A cultura do hip-hop que surgiu no Bronx em Nova Iorque (Estados Unidos) na década de 1970, se espalhou para várias regiões do mundo. Praticado e exaltado para ser de comunidades carentes e periferias, acontece em várias regiões do mundo pelo seu poder de dar voz às periferias e por possuir um caráter de representatividade dessas realidades. Da cultura hip-hop existem alguns elementos, e na música, esse é chamado de rap.

A intenção do rap é dar voz a oprimidas e oprimidos e justamente conscientizar e falar dessa opressão, sendo ferramenta para articulação de movimentos: “Por outro lado, as populações socialmente marginalizadas utilizaram-se especialmente da musicalidade (...) para se organizarem cultural, étnica e politicamente.” (MESSIAS, 2015, p. 20).

Na década de 1980, o *rock* traz questões concernentes ao capitalismo, à liberdade de expressão, ao conservadorismo familiar. Diferente do *rock*, nos anos 1990, as canções de *rap*, especialmente dos Racionais MC's, expõem o mundo específico: racismo, violência policial constante, extermínio étnico-

⁷ Cujas qual além de ser conhecida como interprete, apesar de ser compositora, ainda é conhecida não por ser mulher, mas por ser esposa de um homem. Seu nome de batismo Clara Josephine Wieck não é utilizado mais, para representá-las usa-se o nome de seu marido: Clara Schumann. E muito de sua bibliografia, como a de várias mulheres na música, está fadada a falar de suas relações afetivas mais do que de suas obras e atividades artísticas.

físico, orgulho negro. Falando das culturas diaspóricas da modernidade, Gilroy (2000) conclui que a “Cultura musical fornece uma grande dose de coragem necessária para prosseguir vivendo no presente.” As composições de *hip-hop* exumaram o sujeito oculto, silenciado, esquecido. (MESSIAS, 2015, p. 28 e 29)

O rap se tornou para as marginalizadas e os marginalizados sua cultura, e mais que isso, uma forma de resistir e de se empoderar:

A arte musical tem sido instrumento de luta dos subalternizados. Quanto mais denunciam as diversas formas de exploração e sofrimento humanos, mais ganham força, tanto mais sofrem ameaças. Mano Brown, cantor dos Racionais MC's, afirmou que os músicos de *hip-hop* e do *reggae* “são alvos, não estrelas”. A estética da melodia é instrumento de batalha. A batida rítmica convida e convence a juventude de qualquer país para se congregarem frente às batalhas étnicas de qualquer natureza. (MESSIAS, 2015, p. 37 e 38)

Logo o rap surgiu na rua, e ainda hoje é lá praticado, e surgem muitos artistas rappers – que ganharam visibilidade midiática – das ruas. O rap de práxis tem uma “pegada” agressiva e forte, para trazer força aos indivíduos subalternos a reivindicarem com voz seus direitos e imporem respeito.

A cultura hip-hop foi muito bem apropriada pela grande mídia, e por artistas também que usam do “estilo hip-hop”, ou até quando suas músicas não são rap, mas possuem rap. Muita manifestação artística hoje em dia pode ter um pouco ou ser considerada hip-hop, mas além da cultura hip-hop, existe o movimento hip-hop:

Muito se tem refletido acerca da dicotomia tensa entre cultura e movimento. Segundo Lima (2006, p.33), a cultura *hip-hop* utiliza-se de elementos como o *rap* e o *break*, porém, sem nenhuma preocupação além do entretenimento. No movimento *hip-hop*, os elementos da cultura seria utilizados com o projeto claro de intervenção e mudança social, além de enfatizar o processo educativo característico que colocariam o *hip-hop* na posição de um movimento social. (MESSIAS, 2015, p. 35)

Cabe aqui dizer que mesmo que no objeto de estudo usam-se de elementos da cultura hip-hop, por conta do intuito de empoderamento, representatividade e consciencia, a *Batalha das Mina* vai além da cultura para ser um movimento social.

3. METODOLOGIA

[...] o homem⁸ é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p. 15)

Antecipo (um pouco frustrado) em dizer que a presente monografia é apenas um TCC, logo utilizo poucos dos vários dados que pude levantar, apenas uma parcela das transcrições dos áudios e dos meus diários de campo. Quero deixar bem claro que o trabalho parte de observações minhas (claro que com muito zelo e atenção) sobre a *Batalha das Mina*, logo o que falarei aqui são impressões minhas e não exatamente o que elas são. Não pretendo defini-las, dar nomes, ou querer mostrar exatamente o que é a *Batalha das Mina*, busco com todo respeito e consideração estudar como se dá o empoderamento de mulheres em uma prática musical, ainda uma prática exclusiva para mulheres. Pretendo também descrever as *batalhas*, que fiquem cientes as e os leitoras e leitores que tudo aqui parte de observações minhas. Então além de eu não ter utilizado todos os dados levantados, esses dados são meus, logo defendo com muito respeito que a *Batalha das Mina* vai muito além do que eu possa falar aqui. “Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmo interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura.)” (GEERTZ, 1989, p. 25)

Eu não faço parte do movimento *hip-hop* e nem fazia do movimento da *Batalha das Mina*, eu me inseri no contexto para conhece-las melhor e busquei de diversas formas entender essa cultura que me propus a estudar. Então me inseri nessa cultura para conhece-la de dentro.

Não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos (em qualquer caso, eis uma palavra comprometida) ou copiá-los. Somente os românticos ou os espiões podem achar isso bom. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, que compreende muito mais do que simplesmente falar, é conversar com eles, o que é muito mais difícil, e não

⁸ Podemos notar que também na Antropologia e outras áreas de estudos da humanidade escapa ao generalizar indivíduos como homens brancos.

apenas com estranhos, do que se reconhece habitualmente. (GEERTZ, 1989, p. 24 e 25)

Mesmo que eu queira defender que meu objeto de estudo vai além do que eu possa falar aqui, isso não me manteve no desleixo ou desanimo, pelo contrário, por respeitar e admirar tanto o movimento, me mantive atento e preocupado em observar bem as relações dessa cultura. A partir de observações atentas para em meus diários de campo utilizar o que Clifford Geertz (1989) chama de “descrição densa”, para que eu tivesse o mesmo zelo, atenção, carinho e admiração que tenho pelo movimento dessas *mina*.

Segundo a opinião de livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informante, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1989, p. 15)

Me optei por não identificar nomes, logo ao aplicar os dados aqui neste trabalho, substituí o nome ou apelido das *mina* por “XX”

3.1 Minha entrada em campo

Meu primeiro contato com a *Batalha das Minas* foi durante o mês de Maio de 2016 no primeiro sábado de ocupação do MinC-SC (Ministério da Cultura de Santa Catarina). A ocupação do Minc foi um dos vários protestos nacionais, aconteceu em todos os estados do país como forma de protesto ao projeto de Michel Temer em fechar alguns ministérios e secretarias, dentre estas: Ministério da Cultura, Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.⁹ Artistas, acadêmicas e acadêmicos, estudantes, professoras e professores, trabalhadoras e trabalhadores da comunidade estavam presentes nessa ocupação que durou 46 dias. Eu estava na primeira semana como membro da comissão de programação artística, devíamos então procurar pessoas e atividades artísticas para ocupar com arte e cultura a

⁹ Manifesto Ocupa Minc SC: <https://www.facebook.com/notes/ocupa-minc-sc/manifesto-ocupa-minc-sc/1540691006237091>

movimentação. Uma das minhas sugestões foi a *Batalha*, pois eu não conhecia, mas tinha um enorme interesse em conhecer porque algumas amigas já haviam me falado dessa *batalha*, que ocorre desde janeiro de 2016.

Logo foram convidadas para fazer a *batalha* na frente do prédio ocupado. Elas se deslocaram do ponto onde sempre acontecia, no Terminal Velho, e foram até a sede do IPHAN que também se encontra no centro da cidade. Havia por volta de cem pessoas assistindo a batalha, e eu pela primeira vez. Me encantei de cara com a *batalha*. Nesse período eu buscava uma pesquisa para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), procurando por alguma prática musical exclusivamente de mulheres. Achar a *Batalha das Minas* foi ótimo para pesquisar gênero, e além de mulheres, lá ainda tem muito para se estudar em rua, urbanicidade, *hip hop*, (in)visibilidade de mulheres na música, mulheres negras, relações de classe e geração, entre outras interdisciplinaridades.

Claro que a escolha de pesquisar a *batalha* não foi apenas porque me serviria como TCC. Muito mais na verdade se deu pelo enorme encanto que tive com essas mulheres que se expunham no vazio da noite no centro da cidade, em suas condições de oprimidas e maior perigo, para se empoderarem se unindo e cantando. Não só voltadas para a prática musical, mas para o entretenimento também, como forma de conhecer pessoas e pensamentos, sendo até um *rolê*¹⁰ de sábado à noite. Me encantou principalmente a forma matriarcal que se dá o evento, que por mais que seja de caráter empoderativo, é enormemente democrático e social. Me toca a forma humana, “feminina” e espontânea que acredito que só um movimento liderado por tantas mulheres pode gerar. Aqui uso o adjetivo “feminina”, tendo consciência de sua origem socialmente construída, mas ressalto por conta das características (socialmente construídas) que esse termo carrega de emocional, humano, sensível, receptivo, respeitoso, sutil, honesto e sincero, espontâneo, expressivo, e leve – que na verdade o poder e a força que as *rimas*¹¹ das *mina* tem é, sim como costumamos gritar, “PESADO” – com capacidade de revolução, partindo da matriarcalidade para mudar o sistema de padrões patriarcais. Tudo isso me motivou em querer pesquisar mais essas *mina* e trazer para a academia as questões que elas provocam na rua,

10 *Rolê* ou *rolé* se refere a um passeio, uma atividade para se divertir. No caso, num sábado a noite, dia normalmente de sair a passeios/festas.

11 Uso o termo “rima” em itálico, porque ali usam como uma categoria nativa, essas rimas não necessariamente precisam rimar ou ter um ritmo preciso, as *rimas* são o nome dado ao desenrolar que as *mina* fazem com suas ideias em palavras no rap.

por acreditar que na academia temos muito que aprender com o que acontece fora de seus muros.

Reservei esse subcapítulo para deixar o trabalho mais humano, contando da minha entrada no campo, das minhas dificuldades e facilidades. Por estar fazendo este trabalho etnográfico pela primeira vez, me inserindo num ambiente cultural que não faço parte ainda, e por ser tímido, confesso que senti certos medos e inseguranças como pesquisador. Também narro aqui das minhas dúvidas sobre como entrar no campo, como pesquisador assumido ou como quem está ali no *rolê*; da preocupação em fazer uma descrição densa (Geertz, 1989); sobre tentar me inserir no grupo ou não; sobre tentar criar um comportamento ou assumir como sou mesmo.

Uma primeira hesitação que tive, foi por querer me aproximar (ficar próximo na roda), para ouvir bem as *rimas*, enquanto homem. Tendo consciência das relações de poder, opressão e violência entre sexos, que só por ser homem, muitas vezes isso já basta para modificar ou oprimir um ambiente. Tive receio da minha figura (imagem) enquanto homem causar desconforto ou de alguma forma diminuir a representatividade das mulheres na frente na roda. Claro que isso foi diferente do que imaginei porque essas mulheres estão num trabalho de empoderamento, então não é uma figura de um homem ali que vai abalar a energia ou a espontaneidade do movimento.

Na roda sentavam diversas mulheres de diversidades enormes, heteros, bis, *sapatas*, cis, negras, gordas, magras, queers, entre outras identidades. Me senti preocupado de ser o único homem da roda, e não queria que elas agissem, falassem ou sentissem diferente pela minha presença, não se sentissem oprimidas pela minha imagem. Senti que algumas me olhavam com certa curiosidade, mas não rejeição, pelo contrário, elas tentavam me deixar confortável. Mas confesso que me senti invisível, e afinal esse era o meu intuito como observador, e compreendo completamente as razões do ocorrido visto que ali é um espaço para elas poderem se sentirem empoderadas e representadas completamente para falarem e discutirem. (Diário de Campo, 20/08/2016)

Sobre me sentir invisível, isso se deu pela opção como eu me posicionei, e pela minha personalidade, sinto-me assim em qualquer ambiente novo onde não há pessoas conhecidas. Fora das *batalhas*, nos espaços de *free style*¹², oficinas e discussões os homens tem vozes da mesma maneira. Quem sabe minha idéia de me sentir invisível não se deu também por estar tão acostumado a ser foco de

12 O *free style*, diferente das *batalhas* propriamente ditas, também são improvisos de *rimas* só que nesse caso sem limite de tempo ou tema definido.

atenção, espaço de opinião e olhares simplesmente por ser homem, já que ali se desconstrói esse foco levando-o para as *minas*? Essa observação se passa numa conversa sobre invisibilidade lésbica, então a atenção é visibilizar não só mulheres, mas mulheres lésbicas.

Mais da minha preocupação visual como homem, também se deu quando queria ficar na frente da roda para curtir as *rimas*, mas ao mesmo tempo respeitar para não ocupar esse espaço da frente. Me cuidava para não ocupar muito a frente da roda porque acredito, e quero, que lá seja um espaço para trazer mais visibilidade para as mulheres.

Esse lugar, eu sempre tomei cautela para não ser o único homem na frente. Ou quando tem homem de mais na frente, ir um pouco para trás para que as *manas batalhando* vissem mais mulheres a sua volta. Sempre me cuidei de como a roda me acolhia através de olhares, o que na verdade comigo não era problemático, eu sempre me senti bem acolhido no momento da *batalha*. Mas essa vez, era apenas nesse lado que eu estava da roda, que também se encontrava todos os homens que estavam na linha da frente. Uma menina que estava atrás havia pedido lugar na frente para um rapaz, e depois de um tempo, falando com a amiga, escutei dizer algo como ocupar a frente para não deixar os rapazes na frente. Ao ouvir, então eu já dei um passo para trás, porém continuou um rapaz que estava ao meu lado que talvez não havia percebido. (Diário de Campo, 01/10/2016)

Essa atitude de pedir mulheres para ocupar a frente e não deixar os homens tomarem conta, ao meu ver, não é excludente ou “má”. A questão é mais profunda, se trata de representatividade, não podem dois corpos ocuparem o mesmo espaço. Ter consciência do quanto a (nossa) cultura patriarcal invisibilizou – e ainda invisibiliza – as mulheres, seja em voz ou imagem, nos faz ver que o ocorrido não se tratou de exclusão, mas de inclusão de uma voz e corpo que foi calada por muito tempo, é apenas uma troca de foco de atenção. Isso diz respeito também as *batalhas* da noite serem só para mulheres. Porém, mesmo assim tem espaço e voz para homens, assim como qualquer pessoa, nos *free style*, oficinas e discussões, exposição de música e poesias que acontece antes, no meio e depois das *batalhas*. Isso demonstra o quanto o movimento por mais que quer dar voz as *minas*, é democrático e inclusivo ao abrir espaço para todas e todos.

Uma dúvida que foi bem presente no início, foi de como me colocar. Como pesquisador e observador somente, ou de curtir o *rolê*? Me colocar como dentro ou fora do movimento? Compartilhar idéias ou ficar no meu cantinho observando? Me

apresentar ou não? Participar também ou só observar? Várias contradições me passaram e experimentei de algumas.

A minha primeira contradição era de me apresentar como pesquisador ou não. Eu quis de primeira instância não aparentar pesquisador para todas as pessoas ali, mas alguém qualquer que estivesse lá só para curtir, apesar de já ter me apresentado como pesquisador pelo facebook para uma das *manas* que costuma apresentar as *batalhas*. Porém eu sempre ia sozinho e não era do círculo social das pessoas ali, enquanto a maioria das pessoas, se não eram do círculo social, iam com mais amigas ou amigos.

[No local, antes da *batalha* acontecer] Me sentei no banco com uma certa distância de uns 2 metros, por não conhecer bem as pessoas ali presentes por enquanto. Antes de me sentar, passei reto olhando para frente, peguei um lixinho do chão para jogar na lixeira, e depois me sentei no banco abrindo um livro para me disfarçar. Minha intenção era de parecer alguém que não estava interessado em pesquisar o evento, mas apenas de assistir para se divertir. O livro então foi um bom disfarce. (Diário de Campo, 10/09/2016)

Tive receio também que elas pensassem algo do tipo: “o que essa rapaz que está vindo sempre quer?” Por não ser desse círculo e ir sozinho eu poderia me aparentar deslocado, e interessado em algum motivo e tive receio de acharem que eu poderia ter má intenção. O livro por mais que eu estivesse lendo, notei que foi uma boa saída para não chamar atenção e não precisar interagir. Porém logo depois de ir algumas vezes, elas já me cumprimentavam e eu começava a sentir necessidade de interagir mais.

Ao longo que foram chegando mais pessoas, que já conheciam essas outras pessoas que esperavam no banco, algumas quando cumprimentavam estas sentadas, aproveitavam e me cumprimentavam também. Com o tempo, aí sim, o número de mulheres se tornou maior que de homens. As *manas* que se conheciam se recebiam e cumprimentavam com abraços bem calorosos e muitos risos e sorrisos. Algumas eram bem acolhedoras com as amigas, e até com desconhecidos, inclusive comigo, vinham me cumprimentar – mesmo estando sentado ali sozinho um pouco mais deslocado – e quando não nos cumprimentos, olhares de acolhimento. Algumas que já me viram outras vezes, talvez antes com um olhar de estranhamento, ou até suspeita por ser um homem aparecendo sozinho ali sem conhecer pessoa alguma, agora elas já me olhavam com olhar mais confortável. Antes eu acredito que poderiam ficar menos à vontade, não por medo ou submissão, porque se eu fizesse qualquer coisa ali para censurá-las, denegri-las ou qualquer coisa que as deixassem mal, tenho certeza absoluta que iam rebater e não iam perder o espaço por elas ocupado ali. Talvez esse olhar de antes poderia ser curiosidade, agora nessa batalha, por já terem me visto outras vezes, esse olhar não parecia de estranhamento, talvez agora até mais acolhedor. (Diário de Campo, 10/09/2016)

Acho que é mais de minha personalidade mesmo, e somado com a minha preocupação de como me portar, que eu ficava tenso, porque na verdade elas

sempre foram receptivas e acolhedoras comigo e todas e todos. O movimento é empoderador, mas é muito acolhedor, a idéia é acolher todas e todos e trazer foco para as *mina* ao mesmo tempo, até onde esse acolhimento não roube o espaço de empoderamento.

Logo me sentindo mais parte do movimento e lendo o texto do Geertz, comecei a me sentir na necessidade de interagir. Ainda pensando muito em como me comportar, ia ficando tenso e me trazendo dificuldade em buscar a dita descrição densa (Geertz, 1989)

Eu chego e cumprimento a mana XX – que já havia conversado antes – e o restante das poucas (quatro/cinco) pessoas presentes, e me sento no banco perto da região dos *estencils*¹³. Elas me pergutam se eu quero fazer um também assim que a oficina começa, eu disse que preferia somente observar primeiro. A partir desse ponto comecei a me questionar sobre meu trabalho enquanto observador participante, eu deveria tentar me aproximar e me sentir parte do grupo ao meu ver, mas a partir daí vou ficar preocupado com isso e cada vez mais distante com a impressão de não estar conseguindo me abrir e nem passar nada de minha personalidade e interesses para elas. Quem sabe se eu não me preocupasse tanto em pesquisar/observar, mas curtir, eu me sentiria mais parte e teria trocas mais espontâneas com elas. [...] Nessa ida toda de campo eu tive a consciência da dificuldade de interagir num ambiente e ao mesmo tempo ficar atento para uma observação densa. Tenho medo de relaxar e curtir como qualquer pessoa que está ali e perder detalhes, mas quando me concentro tanto nos detalhes eu me fecho e não consigo passar qualquer empatia para as pessoas que me interessam pesquisar. (Diário de Campo, 01/10/2016)

Então me sentindo na necessidade de interagir mais, e sair um pouco do canto, quem sabe curtir o *rolê*. No sábado seguinte, junto com a oficina de pixo:

De diferente, dessa vez eu quis mais me introsar. Antes de começar a oficina e durante, eu escolhi por ficar perto falando de qualquer coisa, fui convidado pela Mana XX a sentar ali do ladinho, e abri uma bandejinha de morangos para dividir com o pessoal, estávamos em três antes da oficina, foi chegando mais e mais gente então a oficina começa e eu decido participar também, pegando um papel e experimentando algumas escritas. (Diário de Campo, 08/10/2016)

Concluindo, a forma que achei melhor para eu ir ao campo nos sábados seguintes foi em me preocupar menos. Interagir quando necessário e quando sentir a vontade para isso, aceitar a natureza da minha personalidade para que isso não fique tanto na minha cabeça e me atrapalhe como observador. Depois que achei esse meio termo entre me esconder e interagir demais, sendo espontâneo como

13 Se tratava de uma oficina de estêncil, que eram feitos a partir de recorte em placas de raio x, hospitalar mesmo, então se usava tinta em cima dessa placa recortada para projetar o desenho/escrita em alguma superfície, como peças de roupas, papéis, ou paredes. Nesse dia a *mana* que ofereceu a oficina levou algumas placas que já tinha feito, uma delas que mais chamou atenção foi um lindo retrato de uma MC da *Batalha* que estava grávida, ao lado escrito “Escute + rap feminino”.

sou, me senti mais à vontade, tirei algumas paranóias da cabeça, e até comecei a ficar mais amigo. Fui na festa que elas haviam organizado, e na última *batalha* que estive como pesquisador já estava sentando junto com elas no banco e até consegui uma entrevista que elas vieram me procurar para fazê-la. Sinto que consigo aproveitar a noite das duas formas, como quem quer se divertir e como quem observa, sem precisar assumir um papel. Me coloquei antes numa pressão que nesse contexto era desnecessária. Compartilho isso no trabalho porque acho importante mostrar como foi lidar com os métodos da pesquisa, e até para uma leitora ou leitor experienciar através da leitura, e quando for fazer um trabalho de campo, também já ter vivido aqui e acumulado algumas pequenas experiências.

3.2 Procedimentos etnográficos

Como ficou claro no subcapítulo anterior, eu não faço parte do meio estudado, eu não estive desde o surgimento da *Batalha*, eu não conhecia as pessoas ali, eu não estava inserido no contexto, eu não fazia parte do movimento. Então para estudar o objeto, a *Batalha*, eu optei por me inserir no contexto, participar, observar, coletar dados, interpretar relações e significados, pois para que isso seja válido e significativo eu precisava primeiro estar dentro desse contexto, entender pelo menos um pouco da linguagem para compreender os significados daquela cultura da qual eu não fazia parte.

Logo, eu então, para entrar dentro daquela cultura e compreender sua linguagem e significados, passei a frequentar (quase) todos os sábados – quando acontece a *Batalha das Mina*. Em todas as minhas idas à campo, gravei com meu celular as *rimas* para transcrever, depois em casa, as que eu achasse mais relevantes. O intuito disso era para utilizar das próprias *rimas* das *mina* para demonstrar a partir das falas delas o quanto o poder de empoderamento ali é forte. Um problema é que durante as transcrições, as vezes um som de carro ou moto passando tapava a *rima*, ou mesmo quando a roda gritava de curtição; quando isso ocorre, não me arrisquei a preencher, eu coloco “[...]” ou abro chaves também e

coloco uma barra no meio entre as duas palavras que tive dúvida da qual foi cantada, como: [essa/esta]. Quando irei citar as *rimas*, mencionarei: Transcrição de *rima*, e junto o tema do *round* ou se era *free-style*, seguido da data da gravação.

Outra técnica que utilizei bastante é a de manter um diário de campo, em todas as minhas idas ao campo. Eu voltava para casa, após as *batalhas*, para escrever meu diário. Nele eu busco expor minhas observações, então durante a minha ida ao campo eu busquei manter uma observação atenta (Geertz, 1989) para cada detalhe que me chamava atenção e estivesse voltado para as questões de empoderamento. Busquei estar atento a detalhes e interpretá-los a partir de compreensões que eu tive com a fundamentação teórica previamente estudada e com as compreensões que eu adquiria ao ir ao campo, tentando entender a partir dos significados e nomes que eram utilizados ali nas *batalhas*. Quando irei citar trechos de diários, mencionarei: Diário de campo, seguido da data do diário.

Propus também um questionário que enviei via Facebook para algumas *manas* que eu havia achado no Facebook e possuía mais proximidade. Infelizmente, fiz o questionário muito tarde e só consegui utilizar no trabalho escrito as resposta de uma única *mina* que conseguiu me responder no mesmo dia que enviei, as outras respostas que obtive eu não utilizei porque já estava concluindo o trabalho quando recebi.

No questionário eu fazia perguntas a elas enquanto mulheres, “enquanto mulheres” porque enviei o mesmo questionário para todas, e todas essas, em comum, são mulheres, embora houvesse vários tipos mulheres: lésbicas, hetero, bissexuais, negras, brancas, gordas, magras, mães, solteiras, namoradas, estudantes, moradoras de rua, trabalhadoras, altas, baixas, entre outras. Eu estava interessado nas respostas enquanto mulheres, mas enquanto cada individualidade e identidade. Então começo o questionário pedindo:

Olá, já fico muito agradecido e feliz pela participação, só uma coisinha: eu pergunto “Enquanto mulher”, mas seria muito legal – caso sinta a vontade – se responder enquanto a sua identidade sendo mulher (trans, cis, lésbica, bi, hetero, mãe, negra, indígena, branca, parda, gorda, masculina, feminina, queer, ...). MUITÍSSIMO obrigado, parabéns pela Batalha lindíssima e muita força na luta. (Trecho do questionário)

As perguntas que fiz foram:

- Enquanto mulher, quais as dificuldades que encontra nas esferas privadas de sua vida – em casa, família, relacionamentos...?

- Enquanto mulher, por favor me conte um pouco das dificuldades encontradas nas esferas públicas – trabalho, rua, escola/universidade, grupos de amigos, mesa de bar...

- E das dificuldades enquanto artista mulher (tanto no processo de criação quanto no de exposição)?

- Como se dá o empoderamento com a Batalha das Minas?

- Esse empoderamento gerado na rua em público, como ele volta para sua vida no dia a dia, tanto nas esferas públicas quanto privadas?

- Esse empoderamento afeta outras mulheres?

- Por favor, me conte um pouco de como percebe a invisibilidade de mulheres?

Então eu as deixava um espaço entre cada pergunta e deixava um aviso que podiam gastar quantas linhas precisassem. Quando eu citar as resposta do questionário, mencionarei: Resposta ao questionário.

Por não ter conseguido tantas respostas através do questionário via Facebook, na minha última ida de campo, enquanto pesquisador, eu consegui uma entrevista com três *Mcs*¹⁴ que não puderam responder o questionário. Logo que cheguei, não havia começado a *batalha* nem o *free*, uma delas me procurou dizendo que estava interessada em responder ao questionário ali. Então aproveitando a oportunidade, perguntei se podia ligar o gravador e começamos uma entrevista ali mesmo, sobre os tópicos do questionário que eu lembrava, com ela e outra *mana* que estava ao lado no banco, até que chega mais uma. A entrevista foi feita no dia seguinte da festa organizada por elas que, contava com a presença das *minas* do Rap Plus Size de São Paulo. Aqui no trabalho eu alterei os nomes das *manas* que fizeram a entrevistas, utilizando nomes fictícios que eu mesmo escolhi: Maria, Simone, e Virgínia. Quando eu citar a entrevista, mencionarei: Trecho da entrevista.

Logo as minhas técnicas de coleta de dados foram o questionário, a entrevista, as gravações de áudio das *rimas*, e diários de campo de todas as noites com minhas observações.

14 *MC* aqui é o nome dado a quem *rima*. Ali *mana* e *mina* serve para qualquer mulher: “respeita a *mana* tio”, “as *mina* é foda”; Já *MC* equivale pras *manas*, *mina*, *manos* ou *monas* que *rimam*.

4. Descrevendo um pouco do objeto de estudo: “Aí nem um cara vai constá pra acabá com a nossa voz, a gente fala mêmo, a gente aqui é mó veloz”

Para começar a introduzir os dados, conto antes como acontece a *batalha*, para ilustrar as e os leitoras e leitores. A *Batalha das Mina* acontece desde Janeiro de 2016 no Terminal Velho do centro da cidade de Florianópolis, com a proposta de através do *rap* encorajar mulheres a *rimar*, a ter seu espaço de representatividade, e empoderar enquanto mulheres falando de questões que as cercam.

Existem outras *batalhas* na cidade, e na época da criação da *Batalha das Mina* já havia um grande movimento com a *Batalha da Alfândega*, que acontecia (ainda acontece) nas quintas-feiras, também no centro da cidade (Largo da Alfândega). A questão é que na *Batalha da Alfândega*, as *minas* não se sentiam representadas e fundaram uma *batalha* exclusiva de mulheres:

[...] Vamo fazer o nosso, vamo colar na batalha e mostrar que as irmã tem o papo, não é só os mano que cola na alfândega [gritos de curtição] Sempre é foda de ouvir os cara ter que dizer: ‘mana preta não tem voz aqui nesse rolê’. Que que eu vou dizer?... Então eu vou dizer... vou explanar o nome do machismo sim teu... E se as minas veio, não pode me ver na frente, se percebe sai correndo” Outra mana: “Eu quero ouvir o pou pou pou [gritos] (Transcrição de *rima*, 20/08/2016)

Então criaram um espaço para dar foco a uma voz que foi muito silenciada no meio musical e no meio do *rap*: a *Batalha das Mina*. E notaram que a partir dessa proposta, muita *mina* nova começou a aparecer no *rolê* encorajando-se a *rimar* também. Topava mandar sua *rima* uma primeira vez, e as vezes sentia-se à vontade e capaz de *rimar* mais vezes, então pega a prática e começa a *rimar* como qualquer rapper de qualquer *batalha*: “Eu percebo a invisibilidade das mulheres quando colo nas batalhas unissex e tem, no máximo, uma mc rimando enquanto na das minas tem dez [...]” (Resposta ao questionário, 10/11/2016). Na *Batalha das Mina* as mulheres que gostam de *rap* e tem vontade e gosto por *improvisar*, sentem-se à vontade e encorajadas a começar e a evoluir suas *rimas* lá.

A *Batalha* acontece todos os sábados, anteriormente, nas divulgações via Facebook, catarzes, stencils, e pichos o horário para começar era “Batalhas das Mina 19:30”, mas quando começaram a propor rodas de conversa ou oficinas antes das *batalhas* mudaram para seis e meia da tarde. Mas até vir chegando as pessoas e conseguir uma quantidade boa de *mcs* para as *batalhas*, começa aproximadamente as oito da noite. Cada noite é uma coisa, as vezes dura mais, as vezes menos, as vezes tem mais *mcs* e as vezes menos, tende a durar até as dez. Porém como o movimento é também um ponto de *rolê*, na maioria das vezes depois das *batalhas* muita gente ficam aliconversando, bebendo, cantando e tocando.

A *Batalha das Mina* acontece no Terminal Velho (de ônibus), que fica no centro da cidade. Apesar de se tratar de uma capital, o centro da cidade fica deserto quando o horário de comércio fecha (a partir das seis da tarde) e aos sábados e domingos e feriados. Há apenas poucos bares que ficam abertos somente até as dez da noite. Então é um local onde não há tanta circulação de pessoas, e notei que muitas vezes circulam pessoas que se encontram sob efeito de droga (desde álcool a crack), desde *playboys*¹⁵ a moradoras/es de rua. Sendo assim, o movimento tem que estar – e está como retrato nesse capítulo quatro – a lidar com qualquer tipo de transeunte que pode passar pelo movimento querendo conhecer, se divertir, tanto quanto para atrapalhar. O local que o movimento escolheu é a rua, assim é um local público e acolhedor, mas que exige força e respeito. Como faz parte das culturas de resistência urbana, e assim também o hip-hop, a luta é na rua.

É a partir de Outubro que sempre foi proposta alguma atividade antes da *batalha*, como oficinas e rodas de conversas (pixo, invisibilidade feminina, invisibilidade lésbica, *stencil*, *break...*), tento ilustrar com três trechos de diários abaixo:

Chego seis horas e quarenta aproximadamente lá no t.v. [Terminal Velho] encontro poucas pessoas, Mana XX que propunha a oficina já se encontrava sentada com vários materiais urbanos e super acessíveis para a produção dos *stencils*. No chão, um papel pardo enorme cobrindo todo o espaço como um tapete, em cima alguns estíletes, uma solda de estanho, um lápis com uma lâmina de gilete presa por durepox, tintas de tecido, sprays, pedaços de papelão, canetões, lâminas de raio x, pincéis e buchas, e até uma escova de dentes para passar a tinta. (Diário de campo: 01/10/2016 - oficina de *estencil*)

Durante toda a oficina, seu discurso era direcionado para mulheres usando indivíduos sempre no feminino. Enquanto algumas pessoas ficavam

15 Categoria nativa para meninos de classe mais alta com mentalidade de senso comum.

sentadas no banco, algumas no chão, e algumas em pé. Ela sempre deixou a fala aberta para qualquer pessoa. Inclusive uma *mana* e um *mano* falaram bastante, por serem do picho, e exemplificaram coisas e comentaram de situações que passaram (Diário de campo: 08/10/2016 – oficina de pixo)

O lugar por mais que fosse bem vazio e exposto é bem iluminado porque o Terminal ainda funciona para ônibus que levam ao continente. Não precisei ficar muito tempo desde que cheguei para começarem a movimentação. Nesse dia estava programada uma conversa sobre visibilidade lésbica antes da batalha, por estarmos na semana da visibilidade lésbica. Essa roda de conversas seria puxada por outras *manas* de um coletivo, que não as da batalha. Sem que as *mina* da batalha houvessem chegado ainda, as garotas que se propuseram a puxar a conversa convocaram uma roda no chão para dar início, e logo que sentamos chegou uma das organizadoras da batalha. Na roda sentavam diversas mulheres, arrisco umas mais que dez, de diversidades enormes, heteros, bis, *sapatas*, cis, negras, queers, entre outras. (Diário de campo: 20/08/2016 – roda de conversa sobre visibilidade lésbica)

O movimento da *Batalha* é muito agregador. Além da *batalha* propriamente dita, sempre existem mais elementos e atividades, como as oficinas e as rodas de conversa, sempre sugerem espaço para exposição de trabalhos autorais (poesias, músicas, divulgação e venda de trabalhos manuais e comidas artesanais), e há sempre um *free style* antes e ao final de cada *batalha* e muitas vezes ao meio. Agrega-se muitas identidades e muitas vozes, na roda sempre pode-se contar com uma diversidade enorme de pessoas, tratando-se de identidade de gênero, de etnia, de sexualidade, de sexo, de classe, e de geração.

Das pessoas que frequentam, vai quem quer, sendo assim a diversidade é muito grande, desde pessoas nas faixas de 60 anos, até diversas crianças que já andam em pé e crianças de colo. Desde professoras e professores universitárias até moradoras e moradores de rua. Normalmente pessoas que não se encaixam em padrões de vestimenta ou aparência, e também pensamentos, gosta de ir ao movimento, não somente pessoas que são da tribo urbana do hip-hop como em outras *batalhas* que ocorrem pela cidade, nesta há uma quantidade de pessoas que não chegam perto de ser do estilo ou cultura hip-hop, mas que usa dela como expressão.

As *Mcs* que mais costumam *batalhas*, são normalmente jovens, abaixo dos trinta e cinco anos. Há uma grande diversidade: garotas negras, brancas, de cabelos lisos, dreads, trancinhas, carecas, cabelos longos, lésbicas, bissexuais, mães com crianças de colo, solteiras, grávidas, estudantes, trabalhadoras, moradoras de rua, gordas, magras, altas, baixas, etc.

A *batalha*, em si, acontece quando a *apresentadora*¹⁶ da *batalha* convida as pessoas presentes a fecharem uma roda, após ter fechado a chave perguntando a todas as mulheres no local, uma a uma, se vão querer *batalhar*. Obtendo a chave das *manas* que vão *batalhar*, então são chamadas duas *MCs* ao meio da roda para a *batalha* constituída de dois *rounds*, e caso haja empate acontece - o tão pedido - “terceiro” *round*. É pedido um tema ao público para cada *round* elas *mandarem sua rima* (machismo, feminismo, maternidade, aborto masculino, cultura do estupro, transfobia, gordofobia, invisibilidade das *minas* no *rap*, América Latina, Fora Temer, privilégio branco, minoridade penal... – uma variedade enorme de temas atuais que ainda se tem muito a ser discutido).

Ao lado da *apresentadora* fica uma outra mulher com um cronômetro que dá a cada *mana* *batalhando* 35 segundos (podendo passar até quarenta) para improvisar, e então essa com o cronômetro passa o braço na frente das *duelantes* para indicar que já chegou a 35 segundos, mas a *mina* pode passar desse tempo sem que seja interrompida. Por *round* após as duas *MCs* terem *mandado sua rima*, a *apresentadora* chama a roda para a *votação*, pergunta quem gostou mais de cada *mana* e conta os votos – a *apresentadora* pede a roda que levante a mão para a *rima* que mais gostou –, por *round*, se uma *mc* ganha dois *rounds*, ela ganhou essa *batalha*, caso cada *mc* ganhe um *round*, tem terceiro *round*, a que ganha leva a *batalha* e as duas voltam a roda. Então a *apresentadora* chama as próximas duas *MCs* para o centro da roda para *batalhar*, e da mesma maneira, pede os temas para cada *round*, conta os votos, e segue para a próxima *batalha*. E assim, por eliminatória, vai chamando as vencedoras de cada *batalha*, e eliminando quem tem menos votos até chegar na (*batalha*) final que quem ganha é a vencedora da noite, e que irá puxar o *free-style* da vencedora.

Dessas quatro *minas* que se inscreveram, duas começaram e foram logo chamadas ao centro, a organizadora pedia as pessoas presentes para fecharmos a roda para podermos ouvir as rimas e dar calor e energia pras *manas*. Então a organizadora chama o *beat*, e assim lá estava uma garota que puxava o ritmo no violão, um ritmo de reagege, uma outra garota num bongô de madeira, e algumas *manas* e também *manos* fortalecendo no beatbox. Após o *beat*, a organizadora pede um tema para cada *round*, a plateia que joga na roda um tema, o primeiro me recordo que foi “buceta”. Logo por *round* cada *duelante* tem 40 segundos para mandar sua *rima*, dado esses quarenta segundos a *mana* que controla o cronometro passa o braço no meio das duas indicando para concluir, nisso elas não cortam a

16 (que de forma democrática é revezada a função entre as meninas presente na noite – houve vezes de meninas apresentarem uma *batalha* pela primeira vez)

fala da mana que improvisa, mas é um sinal de “conclua” e na maioria das vezes elas mandam ainda algumas frases antes de passar para a colega. Então é a vez da outra duelante mandar sua rima sobre o mesmo tema. Após as duas terem concluído, e as pessoas envolvidas terem feito toda gritaria e barulho para mandar energia e por gostar das rimas, a organizadora chama a votação. Ela sugere uma duelante por vez, pedindo que levantem a mão em quem preferiu cada uma delas. Apontando uma dualente por vez, ela conta os votos e diz quem ganhou o round. Tende a ser dois rounds, e ter a vitoriosa de cada batalha, mas se empatar os dois rounds, ou o público pedir “terceiro” surge o terceiro round. Uma delas ganha a primeira batalha. Então a organizadora chama a segunda batalha da mesma forma. E antes de puxar a final com as duas vencedoras de cada batalha, uma das *manas* sugere a ela um intervalo para expor poesias, músicas e recados. (Diário de campo: 20/08/2016)

O *free-style* é o momento onde faz-se *rimas* livres, como o nome sugere; não é uma *batalha*, não se cronometra o tempo, não tem vencedora ou vencedor, não precisa de tema. Nos momentos de *free* homens também podem participar, qualquer pessoa da roda (mesmo quem não irá *batalhar*) tem espaço e voz para mandar sua *rima*. Antes de começar a *batalha* propriamente dita sempre puxam um *free*: “Festa de *rap* tem que ter *free-style*, se não tem *free-style* não é festa de *rap*” (Transcrição áudio: 20/08/2016) – essa frase é recorrente em várias noites para puxar o *free*, canta-se a mesma frase repetindo algumas vezes até alguém começar uma *rima* improvisada. Uma das funções do *free*, é criar o clima de *rimas* e sonoro para começar as *batalhas*, fazendo a roda ficar mais fechada e atenta nas *rimas* – antes disso as pessoas ficam a vontade conversando, até que a sonoridade chame atenção e foco. Os *free* acontecem sempre antes de começar as *batalhas* propriamente ditas, e depois da *batalha* final; também na maioria das vezes pode ocorrer um *free* entre algumas das *batalhas*.

Antes da Batalha propriamente dita, puxa-se sempre uma roda de *free style* que são improvisos de rima para qualquer pessoa ali presente, sem disputa e tema livre. Esse *free style* serviu muito bem para aproximar as pessoas, deixar as *manas* mais a vontade, e inclusive algumas *manas* que estavam ali pela primeira vez se sentiram a vontade em assumir espaço de fala e mandar uma rima, inclusive uma garota gorda que fez aniversário no dia anterior mandou uma rima sobre gordofobia e também dizendo que sempre ouviu rap mas que só ali com as *manas* guerreiras é que se sentia a vontade em mandar sua rima. (Diário de campo: 20/08/2016)

Sobre sonoridade e instrumentação, há sempre um *beat* – uma base sonora rítmica para marcar o pulso a ser improvisado pelas *rimas* – feito pela técnica de *beatbox* (sons percussivos feitos com a boca), que é bem tradicional em rodas de rap. Além do *beat*, há abertura para as pessoas que quiserem tocar algum instrumento somando no *beat* do *beatbox*, como acontece quando alguém tem um

violão, pandeiro, bongô, gaita de boca. Para fazer o *beat* podem participar quaisquer pessoas da roda, inclusive homens, que na verdade é a predominância do *beat*. Até o dia 15/10/2016 o *beat* era uma função dada aos homens, por mais que muitas pessoas na roda acompanhassem fazendo *beatbox* também, era em torno do *beat* proposto por um homem que fazia sua voz masculina predominar. Inclusive no começo de várias rodas as pessoas pediam aos *manos* presentes para somarem no *beat*. Isso me recorda das literaturas estudadas, que apontavam quando havia mulheres no meio musical, existiam ainda espaços generificados (Bábara Biscaro, 2014); (Catarina Domenici, 2013); (Tatyana Jacques, 2007); (Ellen Koskoff, 2014); (Susan McClary, 1991); (Pirkko Moisala, 2015); (Vânia Müller, 2013); (Rosa Laila, 2010).

Como acontece na história da música ocidental, a mulher muitas vezes teve seu espaço no canto, e homens em bases ritmicas e harmônicas. Era predominante a presença dos homens no *beat*, e estávamos acostumadas e acostumados a escutar esse *beat* pela voz de homens, graves, masculinas. Mas nessa noite acontece de duas *minas* assumirem esse espaço, e além das *rimas* terem sonoridades com vozes de mulheres, até o *beat* era com vozes de mulheres, com gritos e vozes agudas, femininas. Mais uma vez a *Batalha das Mina* subverte os padrões sociais dando voz ao feminino e as mulheres. A roda que estava acostumada a ouvir um espaço ocupado por homens e o gênero masculino, essa noite e nas próximas foi também um espaço para ouvir vozes agudas, de mulheres e para o gênero feminino.¹⁷

O *beat* durante a *batalha* era no *mic*¹⁸ também, que uns *manos* que foram estavam fazendo. O mais interessante é que ali na altura das finais, uma das *mina* pediu o *mic* pra uma *mana* ali fazer o *beat*, que ficou muito bom. Normalmente o *beat* era sempre função de homens, elas já até haviam aceitado isso, porque muitas vezes pra começar as *batalhas* elas pediam para formar a roda, perguntavam as *minas* que queriam improvisar, e pedia para algum ou alguns *manos* fortalecerem no *beat*. Mesmo que algumas *minas* fizessem o *beat* também, era normalmente em cima de um *beat* proposto por um rapaz, e normalmente o *beat* era ocupação dos rapazes. Mesmo que vez ou outra uma menina propusesse um *beat*, logo um rapaz assumia, e a voz do *beat* voltava pra ele. Detalhe, normalmente mais de uma pessoa faz o *beat* baixinho ou apoiando, mas quem propõem e a voz mais alta costuma ser de uma só, que nesse caso era sempre ocupada por um rapaz. Já nessa batalha houve um momento curto, só as finais, mas que não só ficou apoiando o *beat* já proposto, fazendo junto, mas que duas

17 Nas minhas idas de campo o *beat* sempre foi liderado por *beatbox* na boca e acompanhado por instrumentos acústicos ou palmas (as vezes só o *beatbox* mesmo), mas no dia 29/10/2016 o *beat* foi feito por uma DJ.

18 Microfone.

minas assumiram esse espaço/função do *beat* revezando as duas. Um *beat* que ouvíamos sempre por voz masculina, ainda mais nessa noite que por conta do *mic* aparenta a voz de uma só pessoa – menos de um coletivo – fazendo o *beat*, ouvimos um *beat* com voz de mulher, com gritos agudos e voz feminina, e ficou muito bom, e uma delas que tinha um pouco de insegurança gostou muito de fazer. Voz pras *minas*, ouvimos até o *beat* em voz de mulheres nas finais e depois nos *free style* de depois da batalha. (Diário de campo: 15/10/2016)

Na maioria das minhas idas ao campo, não usavam microfonação, vez ou outra tinha alguma caixa de som, e então usavam microfones para as *rimas* e para o *beat*.

O local é um espaço conhecido por aos sábados e domingos ser deserto e perigoso, mas mesmo assim ganha uma luz e movimentação agora que acontece as *batalhas*. As *minas* tem que saber lidar com esse espaço. Diversas vezes apareceram homens alcoolizados falando alto, tentando entrar nas *rimas*, provavelmente por conta da alcoolização (ou mesmo ignorância) não percebessem que ali é um espaço para apenas as mulheres rimarem. As vezes aparece todo tipo de pessoas, garotos de provavelmente classes altas (pelo vestuário) estranhando, mas se interessando pelo movimento, homens bêbados voltando de festas, moradores de rua, pedintes, uma diversidade de pessoas que as *minas* tem que saber lidar. Me encanta a forma como elas fazem, elas ainda são receptivas.

Mesmo quando aparecem homens, elas convidam para assistir. Quando aparecem pedintes e moradores de rua elas tomam cautela e respeito com a forma de demandar o espaço tendo consciência da realidade dessas pessoas. Quando são bêbados voltando de festas e que querem atrapalhar o movimento, elas sabem ser duras e falar: “Respeita as *mina*”, e serem receptivas ao mesmo tempo.

Qualquer pessoa é bem vinda ali, desde que não tome espaço de voz durante as *batalhas* que são pras *minas*. Houve uma vez que um homem embriagado chegou querendo se divertir e participar do *rolê*, e foi bem recebido, até que quando durante a *batalha* ele começou a cantar em cima das vozes das meninas, uma pediu “respeita as *mina*” e explicou que durante a *batalha* era um espaço para apenas elas, mas que ele poderia ter seu espaço durante o *free*, e foi o que houve, ele ficou presente escutando e se divertindo com a *batalha* e no *free* se manifestou com uma canção. Outra vez aconteceu de um homem, embriagado também, passar pela roda querendo chamar atenção, percebendo ou não que estava atrapalhando, simplesmente não teve a atenção esperada e foi embora.

Durante todo o momento, além daquele homem bêbado que incomodou alguns momentos, apareceu mais um outro homem alcoolizado que cantou em cima de um dos *rounds* da *batalha*, mas logo que viu a força e a vontade das *manas* de estarem ali, e de quem nem recebeu a atenção que esperava, foi embora. Vejo meio paradoxal elas estarem expostas publicamente num ambiente perigoso e mesmo assim ali se sentirem seguras e empoderadas, e com espaço de fala, isso que é o lindo ao meu ver. Ali elas sentem-se seguras. No total da batalha devia ter mais de vinte garotas juntas em uma extensa roda *mandando e ouvindo rima*, dançando ao som do beat. Me fascina ver a força que devem ter em se expor num lugar público, me encanta ver como elas sabem lidar com pessoas que poderiam estragar o movimento, e me alucina ver como tudo isso com todas essas dificuldade faz com que elas se sintam fortes e unidas ali, e principalmente, empoderadas. (Diário de campo: 20/08/2016)

A ideia é mesmo ocupar a rua e se empoderar no meio público; por mais que seja complicado, ali que é a luta:

[...] A gente ocupa a rua, e se não gostou, aqui a luta é crua, aqui a luta é de respeito, é na pele, aqui a luta não é nada bem leve, não é na faculdade, não é não, aqui é na rua, aqui a gente olha pra lua. (Transcrição de *rima*: Ocupação, 01/10/2016)

E é lindo ver como sabem lidar com tantas dificuldades, desde crianças, sendo mulheres, até o momento em que estão ali na rua; e mesmo assim mantendo positividade, energia leve, alegrias, risos e muitos abraços. Depois de várias *batalhas a apresentadora* convida a roda para um grande abraço coletivo. Diversas vezes depois de *batalharem*, as *minas* se abraçam, a receptividade e abraços é constante na *Batalha das Mina*.

[...] Vamos se libertar dessa guerra. Eu digo sempre isso, cultive sempre o bom pensamento, faça isso como o seu compromisso. Entenda o próximo, se ele tá um pensamento de raiva, então tenha calma porque a raiva é um pedido de ajuda, então emane positividade. Emane positividade que se espalhe por toda a cidade. (Transcrição de *rima*: Positividade, 29/10/2016)

4.1 “Tem algum mano, mana, mona pra somar no beatbox aí?”: Autoras subalternas e identidades

[...] Quero de volta a minha liberdade, sabe como é que é, estupro não tem idade, comigo foi aos trezes anos a primeira vez, embriagada, desmaiada, presa fácil sem lucidez, envergonhada eu fiquei calada, não tinha pra quem ligar naquela madrugada. Hoje não posso mais tomar aquele porre... então eu peço, fiquem atentos pra evitar que se repita o mesmo erro. Não te engana não, olha, é disfarçado, o agressor é qualquer um, ele pode tá do teu lado. Sou feminista sim, e luto por um ideal. E sei que na rua [...] parece irreal... Respeito, que não querem mais nada que os mesmos direitos, andar na rua tranquila, dormir em casa, sem medo usar a roupa que quiser, não se

apanhar do homem que bate em mulher. [muitos gritos] (Transcrição de rima: *Free-Style*, 01/10/2016)

As dificuldades começam quando eu acordo e me olho no espelho, aonde sempre tenho dúvidas e discórdias sobre minha feminilidade ou estética feminina perante meu eu interior e meu bem estar, ou quando saio na rua e escuto assédio de um homem e tenho receio de responder. No meu trabalho, quando ganho trinta e cinco reais a menos por ser mulher, já que faço o mesmo trabalho que todos, quando olho o relógio e percebo que esta tarde pra ficar na rua sozinha. Quando me arrependo de ter saído de casa ou quando, quase toda noite, sonho que estou sendo estuprada. Quando falo pra meu companheiro ou amigos o quanto tenho medo de algum abuso e eles não entenderem. Quando tudo na vida tem gosto amargo porque a cada minuto uma mana minha ta sofrendo violência, quando me recordo, a todo momento, das coisas que me sujeitei ou me sujeitaram porque eu sou mulher. (Resposta do Questionário, 10/11/2016)

Como levantado anteriormente, o gênero feminino e ser mulher, já basta para ocupar um espaço de subalternidade e opressão na nossa sociedade patriarcal. Muito é debatido ali sobre as dificuldades extras que uma mulher tem que passar em sua vida, conscientiza-se bastante sobre a cultura do estupro tão presente em nossos meios. As meninas ali no movimento sempre comentam sobre as opressões e agressões que sofrem. Certa vez abriram um espaço na *Batalha* para falarem de um ocorrido da noite anterior:

No meio da batalha quando se abre para poesias, danças, músicas autorais, ou quaisquer expressões, uma *mana* faz um desabafo de uma festa que elas foram juntas na noite anterior. Era um show de um *rapper* famoso – eu, por não ser do movimento, não conhecia, mas ali todas pareciam respeitar bastante. Falaram que foram ao show para curtir, não estavam com interesse em procurar alguém para ficar, e se achassem também tudo bem, mas que não foram com esse intuito, porém curtir o show, e que se estavam arrumadas com roupas que curtiam, não quer dizer que queriam ficar com alguém. Citou que várias vezes tiveram que lidar com caras dando em cima, em uma situação específica, um homem e alguns amigos parece que estavam colocando isqueiros perto de uma das meninas e chegou até a queimar seu rosto. Na volta da festa, estavam caminhando na rua e ouviram, algumas vezes, caras mexerem com elas. Um carro que vinha rápido e que chegou perto para mexer com elas, nesse desvio de direção para se aproximar do grupo, uma das meninas foi atropelada pela lateral do carro e chegou a arrebentar o retrovisor. E nada de voltarem para ajudar, passaram reto e foram embora. Isso, antes da oficina, a *mana* que ministrava a oficina de picho já havia comentado comigo e mais duas pessoas que chegamos mais cedo. E ela comentou também que voltava agora da travessa¹⁹ e lá estava com a patroa que apanhou de um homem quebrando uma garrafa de litro nela, porque ela (que pelo que entendi trabalha lá) impediu-o de entrar com a garrafa – regras da casa. Depois disso tudo ele continuou batendo nela com mais dois homens até a polícia chegar e perguntar o que ela tinha feito. Não importa o que ela tinha feito, estava apanhando de três homens. E não só por isso, ela estava

19 Travessa Ratclif, é uma travessa no centro da cidade aonde tem bares fechando a pequena rua. Bar tradicional no centro que frequentam muitas e muitos jovens.

apanhando, mas antes de qualquer coisa, a mentalidade da polícia foi achar que o problema estava nela que pôde ter feito algo para merecer aquilo. (Diário de campo: 08/10/2016)

Assim como elas contam, e enfatizam, que saíram para curtir o show e não para ficar com alguém; por conta da mídia machista e da heterossexualidade normativa e compulsória, a mulher tende a ser sempre sexualizada (GROSSI, Miriam; MELLO, Luiz; UZIEL Anna Paula 2006). Isso influencia na liberdade dessas meninas em apenas sair e fazer o seu *rolê* como uma cidadã comum, estando à mercê de julgamentos e assédios apenas por serem mulheres. Na oficina de pixo a garota que fornece a oficina comenta como é difícil para uma mulher ter a sua liberdade de sair à noite na rua, isso leva à falta de representatividade das mulheres em uma cultura, no caso a cultura do pixo:

Comenta de alguns problemas em os *manos* falarem que as *minas* não picham, então ela problematiza essa falta de pixo feminino, que se dá porque para um homem andar na rua de madrugada para pichar ele tem medo de ser roubado, enquanto pras *minas* o medo é de ser estuprada. Portanto isso é um dos principais motivos diz ela, e que tem *mina* sim que picha. (Diário de Campo: 08/10/2016)

A sexualização compulsória do corpo da mulher causa invisibilidade também, quando são associadas apenas a sexualidade (mesmo a sociedade impondo limites sobre sua liberdade sexual) e não como protagonista de ações, movimentos, e pensamentos. Como demonstra Tatyana Jacques (2007) que a mulher no mundo do *rock* é associada ao matrimônio, família, maternidade, e a relações que vão afastar o músico da banda. Essa sexualização excessiva das mulheres tira o foco delas enquanto outros aspectos que não sexualidade, uma das *manas* explica muito bem essa questão:

[...] Então eu vou falar que tu tem que respeitá, e não é porque é bonitinha, pode e pá [gritos]. É porque tem conteúdo na mente, porque quer denunciar e sabotar as estruturas do sistema delinquente. A gente tem muita ideia reta, pode sair do meu caminho que aqui a flechada é certa [gritos]... só porque você acha que com seu discurso de macho, biscoito tu vai ganhar, mas dá licença pô, respeita rapá. [gritos] (Transcrição de *rima*: Respeito, 01/10/2016)

[...] Eu: E até talvez, provavelmente, de num, imagina né, não sei como que é, mas talvez de num ficá tão atento pra *rima* em si, que cês tão mandando
Maria: Sim...
Eu: ...Mas, fica olhando pro corpo, pro...

Maria: Sim...
Eu: Objetificando...
Maria: Medindo né... os padrões
Virgínia: Os cara acha que as *rims* sai das minhas coxa.
Risos.
Maria: ... Pois é... [...] (Trecho da entrevista: 19/11/2016)

Essa cultura compulsória de sexualizar o corpo da mulher, não só estimula assédios e cultura de estupros, como também dita padrões de beleza a serem seguidos. Na *Batalha das Minas* a diversidade de mulheres é enorme, contendo desde meninas padrões, magras e bem maquiadas, quanto mulheres fora de padrões impostos socialmente.

[...] Vamo respeitar, respeitar quem tá aí, tá fora do padrão, é porque não se encaixou nessa situação que tá foda, mano. Tá nos matando, e a gente acha que tem que matar os nossos, porque o nosso é o negócio. Ser hetero e pá, mano o que tu tem pra constar? Olha a tua caminhada [...] A gente tem que recordar qual é o rolê de cada um. Eu chego e falo aqui a minha identidade, mas é minha, tu guarda só pra ti se tu quiser [...] (Transcrição de *rims*: Transexualidade, 29/10/2016)

A transexualidade é também um assunto recorrente nas *batalhas*, além de ali ter consciência das questões sobre transexualidade, também porque para elas o que mais importa é se empoderar enquanto a sua própria identidade:

Tem uma coisa que preciso deixar claro, eu acho que cada um sabe o que é, acho que cada um sabe o que tem pra fazer, acho que cada um sabe como quer se identificar, cada um sabe quem quer amar, e como quer ser chamada, e tem que respeitar. Transfobia não tá com nada. Não importa sua opinião, se acha certo ou não, só precisa ter respeito e não querer chamar Maria de João, tá ligado? Por favor, por favor, vou repetir de novo pra ver se você larga desse rancor, tira esse ódio do seu coração, irmão, aquela mana ali é tão humano quanto tu [...] Vamo se orientar, transfobia aqui no rolê, já falei, não vai passar. (Transcrição de *rims*: Transfobia, 01/10/2016)

Ali na *Batalha das Minas* é um espaço não para empoderar apenas o feminino, mas uma enorme diversidade de identidades. A consciência da diversidade de identidades e individualidades é muito importante, para só aí poder ter respeito por uma realidade desconhecida. O espaço ali não é só para o gênero feminino, mas para várias vozes e questões silenciadas e oprimidas cantadas por apenas mulheres. Aceitam e ressaltam as diversidades:

Olhe ao seu redor, andando pela cidade. Tá ligado? Diversidade, cada um tem uma identidade. É misturada, nascemos no Brasil, então me fala qual foi o berço que te pariu? Aí, e sem querer ofender, que nós é brasileiro

então mistura sempre vai acontecer [...] (Transcrição de *rima*: Identidade, 10 de Setembro)

No Movimento da *Batalha das Mina* fica nítido, para quem vai desde a primeira vez, que ali é um espaço de diversidades. Como o nome sugere é um espaço para mulheres, mas dentro do ser mulher existe uma enorme gama de identidades e de indivíduos. Como discutido anteriormente, apenas por ser mulher ocupa-se, na nossa sociedade patriarcal, um espaço de subalternidade e de tentativa de invisibilização em vários momentos e ocasiões; esse processo aumenta ainda mais quanto mais fora da normatividade essas mulheres estão (lésbicas, gordas, fora dos padrões de beleza e/ou feminilidades, masculinas, negras, indígenas, transgênero).

Na *Batalha das Mina* há uma enorme abertura para essas diversidades dentro do que é ser mulher, tanto para meninas dentro ou fora de padrões. O fato de ser mulher, para elas, é condição natural para participar da *Batalha*; querem ouvir todas e fazem questão de ressaltar a diversidade de modos de ser mulher, e estimulam o direito das mulheres de, dentro desta diversidade, exercerem suas singularidades.

Então, chamada pra *batalha*. Durante, meninas de todos os jeitos, *hetero*, *sapatas*, *bi*, de cabelos curtos, de *dreads*, de trancinhas, vestidas mais masculinizadas (padrões socialmente ditos como masculino – cabelo curto, roupa larga), outras com estilos mais femininos (padrões socialmente construídos), algumas carecas, outras de cabelos pintados, algumas com pernas depiladas, e outras não, várias negras, várias brancas, e a maioria jovens. Então mais uma vez, o movimento demonstrando uma enorme pluralidade de gente. Haviam garotos também, mas em menor quantidade. (Diário de campo, 08/10/2016)

É predominante e consenso, o respeito e consciência de que cada pessoa passa por situações diferentes, e mais que opinarmos e querermos defender ou ter empatia por essa opressão, devemos dar voz e protagonismo para essas vozes poderem falar e expor as próprias experiências. Um problema que acontece na militância feminista praticada por homens, por exemplo, é quando estes tomam os espaços de fala e protagonizam os discursos, enquanto se você num lugar de privilégio quer lutar por uma causa que não é da sua realidade o melhor a fazer é dar espaço de fala e voz para essas categorias oprimidas.

A proposta de homens poderem estar no *rolê*, mas as *batalhas* serem só das *mina*, é assumir esse espaço de fala e protagonismo. Só que como dentro do movimento ainda há uma diversidade grande de realidades, mesmo elas enquanto

mulheres, optam por dar voz para quem vive de fato essas questões. Por exemplo, quando *batalha* uma *mina* branca e uma *mina* negra e o tema é racismo, a *mana* branca tem opinião, mas ela assume que esse espaço não é de propriedade para ela falar, isso acontece em qualquer questão quando elas devem *batalhar* em cima de temas a respeito de identidades ou realidades que não são suas.

O que ficou bem claro nessa noite foi a forma respeitosa e de não assumir o lugar da outra *mana* que passou por experiências diferentes. Por exemplo, quando o tema da *batalha* era algo com maternidade, a *mana* que estava *batalhando* com a que estava grávida, usou de argumentos, de cara, de que ela não sabia o que era por não ter passado, e levantou bola e estima para a que já vivenciou e vivencia isso poder falar mais. Vários argumentos empoderadores também foram usados diversas vezes, dizendo que estavam ali várias individualidades lutando juntas. (Diário de Campo: 10/09/2016)

Por mais que o centro da cidade, ainda mais o Terminal Velho, aos sábados seja um lugar deserto e perigoso, uma das *manas* que é mãe de duas crianças, as vezes leva suas filhas. Ao invés de a presença das crianças desconfortar ou atrapalhar o movimento, na *Batalha das Mina* sempre houve receptividade até para crianças. Me lembro na primeira *batalha* que assisti, ainda na ocupação do Minc em Maio, que uma menina de aproximadamente dez anos foi super estimulada pelas *mina* da *batalha* a mandar a sua rima, a menina excitada com o espaço foi mais duas vezes no *free-style* improvisar, e as *manas* ali estavam adorando. A maternidade também é algo presente no movimento, e elas não se privam de ir ou participar por conta da maternidade, elas se empoderam e aceitam que a gravidez e a maternidade é algo natural e que não precisa ser um fator limitante.

Uma das *manas* que viajou para a primeira *batalha* nacional de mulheres no rap, em São Paulo (representando o sul do país), foi e ia várias vezes para a *batalha* grávida, com barrigão de gêmeos. Inclusive na oficina de *stêncil*, a chapa que mais chamou atenção e gerou risos e elogios foi um retrato dessa mesma *mana* com a barriga grande da gravidez. Então gravidez e maternidade sempre foram questões abraçadas, muito empoderadas, bem vindas, e não limitantes, ali nas *batalhas*.

Uma moça chega com mais duas crianças, suas filhas, que são super bem-recebidas pelas *minas*, que se interagem, são pegadas no colo, e não choraram em momento algum durante todo esse período, entre sete e quarenta até as nove. Se divertiam e trouxeram mais sorrisos ainda para o local. O terminal velho, um lugar costumeiramente sombrio, estava com uma energia leve e gostosa, com risos e amigas se abraçando e conversando; uns guris e uma *mina* andando de skate, um rapaz no violão, uma *mana* no

pandeiro, e outra mana cantando improvisos – vez ou outra algo mais melodioso, e outras o rap propriamente dito. (Diário de campo: 10/09/2016)

A sua filha já cresceu, ela só queria amor, mas você desapareceu. E é isso que vai acontecer toda vez que você não tomá consciência que a mãe precisa de você, que é pra ajudar a bancar a conta. Porra, tá difícil memo, você não se dá conta que a gente tá fazendo nosso rolê, a mãe tá aqui com as criança querendo sobreviver. E é isso que a gente tá enfrentando, tem que dar visibilidade [...] isso tá rolando, e já faz anos [...] (Transcrição de *rima*: Aborto masculino, 15 de Outubro)

Uma mulher não diminui a outra, todas tem reconhecimento de suas dificuldades e do quanto é difícil estar ali, uma mãe não tem mais ou menos voz que uma menina negra, ou uma branca, ou indígena. A interseccionalidade do feminismo com questões raciais é muito presente na militância feminista, e não menos presente na *Batalha*, ainda mais porque o rap é apropriação do Movimento Negro do hip-hop:

[...] Qual é que é? Querem tirar até as mulher de black, querem vender a cultura negra, mas não querem que as pretas sejam donas da porra toda... se as pretas aqui precisam também falar, e eu então vou escutar. Representatividade da rua importa, mêmo que eles te fechem a porta. (Transcrição de *rima*: *Free-style*: 01/10/2016)

A presença de mulheres negras no *rolê* e também *batalhando* é forte, lá as *mana preta* tem voz; e exigem consciência não só de machismo como racismo, e essa exigência é ouvida com muito zelo por quem ali ocupa espaço de privilégio. Nas *batalhas* elas falam, mesmo, sobre apropriação cultural e são muito bem curtidas até por meninas brancas que não sentem na pele o que se passa, mas que ficam feliz em ver suas *manas* ali se empoderando e falando mesmo.

Apropriação cultural branco não entende e usam nosso estilo. E olha só, vem me perguntar como é que faz trancinha [gritos...] Não tem na pele a melanina que é direito, é quatrocentos anos de opressão, cê tá ligado [...] (Transcrição de *rima*: Apropriação cultural, 01/10/2016)

Procura-se nesse movimento dar atenção e respeito a qualquer identidade e diversidade, que são muitas, mas toda essa diferença e diversidade não diminui a luta, pelo contrário, soma dentro de cada individualidade e vozes no plural, e soma para conscientização de questões que podemos ocupar lugar de privilégio.

Se apresentaram e deixaram espaço para discussão, o que no começo as meninas se sentiram envergonhadas, mas logo logo que houve umas duas falas após a apresentação das duas do coletivo, a conversa fluiu bastante. Falando de diversas coisas, como machismo, violência dentro de todos os gêneros, violência de oprimidos com outra classe oprimida, agressão ao

opressor ser diferente de violência (como é o caso da agressão do opressor), lesbicidade e diferença de classe, transexualidade e dualidades de gênero, ramificações de lutas e como essas ramificações são especialidades e não rachas de movimento, entre diversos assuntos. [...] Após aproximadamente uma hora de conversa bem fluída e bem diversificada com cada pessoa expondo suas diversidades de luta e realidade, e somando a todas as lutas ali, lutas de oprimidas para demandar seu espaço. Então decidiram começar a preparar para a *batalha*. (Diário de campo: Roda de conversa sobre invisibilidade lésbica, 20/08/2016)

4.2 “... só quer me ocultar, só quer mostrar a bunda, buceta e mulher oferecida”: Invisibilidade das *Mina*

“É preciso entender que representar não tem a ver com o que você vai [...] mas em o que vai fazer. Falar é muito fácil quero ver desenvolver. As mina tão aí, quebrando a banca, fodendo a porra toda, e não enchendo a pança, cachê num tem, se fode [...] as minas não tem voz mas elas [fode/pode?] e vão chegar pra mostrar que não tem rua que vai calar... porque as mina são foda meu rapá. (Transcrição de *rima*: Representatividade, 15/10/2016)

Por conta da bibliografia já levantada eu tinha bastante consciência de como em nossa cultura o gênero feminino e as mulheres são invisibilizadas a todo instante, em qualquer área de conhecimento ou prática, em esferas públicas e esferas privadas (OKIN, Susan 2008). Muito dessa invisibilização se dá de forma inconsciente porque a cultura é aprendida, e sem nos darmos conta psicologicamente tendemos a invisibilizar o gênero feminino e as mulheres, tanto homens quanto mulheres, mas indivíduos de uma cultura machista e patriarcal.

Sempre duvido de mim mesma em relação a minha capacidade artística. Tenho mais de dez letras escritas e nunca mostrei alguma porque nem meu companheiro me apoia. Quando falo que faço música e rap os homens riem e se afastam e algumas mulheres, me olham da cabeça aos pés. Se faço um freestyle e erro alguma palavra todos olham zombando com a cara de que sabiam da minha incapacidade. Quando colo numa Batalha de MCS unissex os caras assoviam pra mim e eu engulo seco pra não me arrepender de estar de saia ou shorts, e quando ganho a batalha gritam que foi porque tenho buceta. Quando rimo numa roda, um homem sempre interrompe minha improvisada pra rimar em cima. Pode ser impressão ou imaginação? Pode, mas a dor de ser artista é menor comparado quando se é artista e mulher. (Resposta ao Questionário, 10/11/2016)

E quando a mulher tem um espaço, não é qualquer espaço, não é qualquer lugar, qualquer assunto, é um espaço determinado, um espaço específico, como Catarina Domenici (2013) exemplifica com a história da música erudita e do

piano, qual foi o espaço que Clara Josephine Wieck – vulgo, Clara Schumann – e outras mulheres podiam se encaixar. Podiam entrar no universo da música, mas num local específico, o espaço fetichizado da interpretação para aumentar seu dote, jamais na composição. Quando nas igrejas a voz feminina para estar presente, devia estar presente apenas num corpo de homen, com os *castrati* (BISCARO, Bárbara 2014).

Hoje em dia posso votar, mas sempre acham que uma mulher não tem a capacidade de discussão política igualitaria com um homem ou acham que nossos lugares são em primeiras damas, mas nunca presidentas. Me dizem que não levo jeito pra ser cozinha, porque precisa de "habilidade" mas me caibo muito bem sendo garçõnete. Culpam meu gênero pelos acidentes de trânsito ou o descontrole físico e emocional de um homem que me atacou na praia, porque eu o estava provocando. Eu me culpo por muitas vezes ficar calada ou ser fraca. Não levam a sério meu conhecimento sobre cervejas artesanais, mas aceitam meus dez anos de ballet classico. Me fazem duvidar de minhas habilidades profissionais, mas me apoiam nas domésticas. Me julgam por gozar sozinha, mas aceitam que faço meu parceiro gozar e vou dormir machucada. (Resposta ao questionário, 10/11/2016)

Com as *mina*, e não só através da bibliografia, fui vendo na prática como se dá essa invisibilização, elas sempre reclamam da falta de visibilidade das *mina* no rap, esse é um tema bem frequente nas *batalhas*. No hip-hip brasileiro está surgindo uma cena pesada com *minas* no rap de vários estados, percebi escutando suas músicas argumentos como “não dá 20 segundos, o *mano* já tá me chamando de *vadia*”, se convidam uma *mina* para participar é só no refrão, e que as produtoras não apoiam rap *de mina*.

Então as *mina* tem que fazer o movimento delas. As garotas da *Batalha das Mina* organizaram uma festa visando total representatividade feminina, trouxeram duas *manas* rappers gordas para a festa, Rap Plus Size, além disso a produção foi só das *mina*, tinha exposição de artesanatos só de *mina*, uma tatuadora mulher na festa, duas *minas* fazendo *live painting* (pintando durante a festa). A festa de 100 por cento representatividade lotou, teve repercussão pela cidade e os meios do hip-hop, e foi muito bem organizada e cheia de atrações, gerou visibilidade e representatividade.

Desde sempre eu tava ouvindo rap, mas várias minas não chegavam no meu ouvido... Não tem fim as ideias que as minas podem mandar, nós tamo aqui pra nos representar, o meu corpo passo [o dia?] aqui, a minha voz vai se fazer ouvir, porque eu vou falar muito alto, o rap é um grito meditativo do asfalto [...] (Transcrição de *rima*: 20/08/2016)

Eu percebo a invisibilidade das mulheres quando colo nas batalhas unissex e tem, no maximo, uma mc rimando enquanto na das minas tem dez, percebo a invisibilidade no numero de views de uma musica de uma mana no youtube comparada a de um homem. Percebo a invisibilidade quando paramos pra refletir quantos grupos musicais femininos existem no Brasil, percebo a invisibilidade quando pergunto quantas mulheres que fazem som as pessoas conhecem [...] (Resposta ao questionário, 10/11/2016)

[...] Eu: E cês sentem dificuldades, enquanto mulheres artistas, tanto no processo de criação, quanto no processo de exposição dessa arte? Porque psicologicamente a mulher já é preparada a... A nossa sociedade meio que prepara ela psicologicamente pra não ter esse espaço...

Maria: Uhum...

Eu: Enquanto artistas, cês sentem essa dificuldade...?

Maria: Sim... Sim. Vamos supor, é... A minha vertente, assim... Eu procuro... Até porque quem sou eu, né?... Eu nunca tive estímulo nenhum, assim, pra música, desde pequena sempre gostei, mas nunca tive estímulo. Então, eu nunca acreditei em mim, agora em Floripa que o pessoal começou a elogiar, a falar: pô, da hora, cê tem... cê num tem técnica, mas pô, cê tem a musicalidade assim né... E tipo, aí eu comecei a acreditar mesmo, porque, pô, eu gostava de fazer, mas eu num botava fé em mim, e as *mina* vieram me dar muita força. Só que assim... Cê pode tá na rua, num *rolê* aleatório e tem um pessoal *fazendo um som*, cê vai lançar uma *rima*, nem sempre você é respeitada. Muito mais fácil, o *cara* pode tá lá falando groselha, todo mundo pra pra ouvir. Uma *mina* vai falar uma coisa que é totalmente consciente, contra preconceito, defendendo a ideologia que ela tem, é... Muita gente não respeita, começa a puxar música, entendeu? Pô... Por que? Por que que cê num pode ouvir? Porque que num é interessante, porque é uma mulher? Entendeu? É difícil... Vai fazer um evento? Pô... de rap mesmo... Quantos eventos que num tem em Florianópolis, que tem 30 grupo que só tem *cara* se apresentando, as vezes tem uma, duas *mina*, quando tem, na programação. Isso... as vezes rola *mic* aberto e a gente num consegue se inscrever e tal, porque os *cara* já, pfff, dominou, entendeu? E quem é a preferência? Então a gente tá se dando conta de que se a gente num fizer, a gente num pode esperar que o *mano* vai fazer, é as mulheres que tem que puxar, entendeu? É difícil, é difícil, mas não é impossível.

Virgínia: Eu cheguei agora, mas posso falar?

Eu: Pode, claro.

Virgínia: Eu acho que não é tanto só nisso que tem as dificuldades, tipo... além do incentivo e da falta de espaço, tem a fita que tipo... os *mano* ganham muito mais patrocínio, muito mais espaço do que a gente sabe. Ninguém... meu, assim, aqui em Floripa nenhum dos estúdios, assim, que fez a produção dos *mano* aqui que tem som, nenhum deles, assim, já veio falar com a gente pra falar: "Ai, nós vai financiar o trampo de vocês", que nem eles fazem pros *brother* deles, assim. Os *cara* não quer financiar mulher, eles acha que mulher não dá ibope... Ou se ele quer te financiar, ele quer te financiar pra te colocar de shorts e barriga de fora no seu clipe... Ou ele quer te financiar pra você não falar de feminismo, cê falasse o que? Sobre outras coisas... assim, eles não gostam... Não gostam já de mulher, mulheres que transgridem o sistema então, tipo, os *cara* num quer saber, não dá espaço no *line*, não chama pros eventos daqui. A cena de rap aqui... pô se tu ver a cena de rap de Floripa²⁰, tu nem acredita que tem uma *batalha* de *mina*, só de *mina* aqui. Você nem acredita que todo sábado tem mais de dezesseis *MCs* aqui que se reúnem pra *rimar*, porque elas nunca são chamadas colar nesses eventos, tá ligado? E quando são... Se a gente ficar de *cara* por causa das músicas machistas que os *caras* estão

mandando, eles ainda fazem bico, tá ligado? Ainda são tiradas, ainda tiram a gente pra maluca
Maria:Sim... [...] (Trecho da entrevista: 19/11/2016)

Nas *batalhas*, como são feitas num espaço público – a rua –, acontece as vezes de haver tentativas de serem silenciadas roubando o espaço de fala delas, falando ou cantando por cima, não escutando o que têm a dizer. Na maioria das vezes são homens embriagados que aparecem cantando alto, ou garotos aparentemente de classes mais altas que voltando de festas passam rindo. Elas então acharam diversas formas de não serem novamente invisibilizadas, e tomarem a voz, dependendo de cada caso, as vezes quando a pessoa está só de passagem, elas simplesmente ignoram; quando é alguém que parece ter interesse, elas convidam para a roda e explicam que ali nos momentos de *batalha* é só para as *mina*. Elas são sempre receptivas e convidativas e sabem lidar com *playboys* e moradores de rua. Uma vez um homem estava interessado em participar da roda de conversa sobre visibilidade lésbica, mas quando cortava as falas de quem estivesse falando, elas buscaram usar um método democrático para qualquer pessoa falar a vontade sem precisar ter de levantar a voz para sobressair:

No meio da conversa um homem que se encontrava embriagado sentou no banco atrás da roda e entrava as vezes no assunto, na maioria das vezes cortando falas das moças. No começo ele foi bem escutado e deixavam ele falar, já depois de um tempo, provavelmente por causa da embriaguez, ele não respeitava muito as falas e as cortava. Então optaram pelo uso de inscrições de falas, e logo que ele não respeitava as inscrições elas conseguiram se impor e exigir o respeito pelo espaço de fala. (Diário de Campo: 20/08/2016)

Diversas vezes nós enquanto homens, inconscientemente, assumimos protagonismos em conversas, falamos mais do que as mulheres, psicologicamente isso se torna normal sem que percebamos, é como a cultura ensina. Mesmo quando sem maldade isso ocorre nas *batalhas*, elas não podem perder o espaço de fala e o protagonismo do movimento.

Houve que um homem estava filmando a batalha toda com sua câmera. Depois da batalha, a mana XX que havia ganhado, depois de seu momento de free-style pronunciou na roda que queria pedir um favor, era de que quem possuísse vídeos que postassem na página²¹ para que elas tivessem também, para utilizar na página. Nesse momento o homem se pronunciou e se apresentou na roda. Era logo depois do free-style da vencedora e seria o começo do free-style para todas e todos. Nesse momento de apresentação

dele e explicar o que estava filmando e dizendo que ia sim postar na página da Batalha, ele e um amigo comentaram que eram de um movimento de basquete de São José, e sugerira alguma parceria, nesse momento as manas que fazem frente na organização das batalhas pareciam achar legal. O problema se deu porque esse momento de apresentação do projeto deles, e da proposta deles, e dos interesses deles, e deles, e mais eles, ficou bem longo, enquanto era para ser o momento de diversão – o free-style geral pós batalha. Uma das minas tenta concluir o assunto algumas vezes, algumas pessoas vão ao redor saindo da roda, e quando as minas tentavam falar algo de que acharam legal, ou tentavam propor algo como “entre em contato com a gente pela página” ou até mudavam de assunto com “posta os vídeos na página”, os dois voltavam a falar deles, como que sim iam postar, e mais o que achavam da batalha, e por mais que eram elogios e boas impressões que tiveram ou sugestões para criar laços com a batalha, o tempo que levavam falando deles estava gerando um certo protagonismo em suas falas e roubando o tempo e a atenção do movimento – o movimento ainda era pra continuar havendo o free-style para fechar de forma espontânea e prazerosa. É então que a mina que tentou intervir mais vezes muda seu foco e deixa outras manas conversarem com eles, e enquanto isso ela começa um beat e outras chegam junto e então puxam um free-style ali na roda dividida mesmo. Logo logo eles percebem e concluem o assunto e a roda volta para o free-style. (Diário de campo: 01/10/2016)

As vezes essas tomadas de voz se dão sem maldade e até de boas intenções, de forma inconsciente, mas quando necessário elas sabem lidar re-assumindo esse espaço. E quando esses silenciamentos vem de forma desrespeitosa elas rebatem da mesma forma gritando “respeita as *mina*” e espantam machistas ou presenças que silenciam elas ali nas *batalhas* ou fora:

Em um determinado momento, uma das *manas* cola no ouvido de quem está calculando o tempo das *batalhas* e fala que um machista chegou no role e que não vai ficar, então joga o tema da *batalha* para “machistas colando no rolê” (ou algo assim), e as *manas* com a energia a mil improvisam falando disso. Depois pelo que me parece, eu não sabia de quem estavam falando, mas acredito que o rapaz foi embora porque o clima ficou mais calmo depois. (Diário de campo: 08/10/2016)

As mulheres e o gênero feminino são invisibilizados de diversas formas, conscientemente ou não, mas ali as *mina* tentam subverter tudo isso, criando um espaço para dar voz e espaço para a representatividade de mulheres. E assim vão dar muito mais foco e voz para as mulheres, isso não é ser sexista, visto que a sociedade faz isso o tempo todo com elas, mas isso é uma luta para garantir seu espaço e buscar equidade. Elas querem ouvir voz de *mina*, querem valorizar o trabalho de mulheres e colocar essas mulheres no protagonismo.

Eu vou pedir licença pra fugir um pouco do assunto, mas vou falar de uma parada que pra mim importa é muito. Aquela coisa de tu admirar o mano do

teu lado que faz aquele trampo como se fosse aquele cara que tu gosta de idolatrar. Então, isso aqui tem que ser duas vezes dobrado pras mina, tá ligado? Três vez, mil vez, porque é muito importante valorizar o trampo da irmã que tá lá, a irmã que tá ali do teu lado e que tá perdendo noite de sono pra tramar, tá ligado? E é isso que eu vou te falar, aqui não tem espaço pra competitividade feminina reinar, porque aqui todo mundo é irmã, todo mundo evolui junto, todo mundo tá na mesma caminhada, todo mundo tá falando do mesmo assunto. [Gritos...] (Transcrição de *rima*: Competitividade feminina, 01/10/2016)

Na *Batalha das Mina* a voz e o espaço é garantido para mulheres, mesmo que não na *rima*, mas falando, vendendo seu trabalho²², lendo uma poesia, dançando, cantando outros estilos, e a mesma voz para qualquer mulher de qualquer identidade;

Em seguida, mana XX convida as pessoas para sentarem em círculo para ouvir as canções de duas manas, violão e duas vozes, e uma primeira canção no pandeiro. Vozes fortes, lindas e bem afinadas. As duas eram meninas negras e lésbicas, uma de cabelo todo raspadinho e óculos bem magrinha, a outra de black power e brinco no septo. As pessoas na roda escutaram e curtiram bastante, admirando as letras e a potência vocal de ambas. A que não tocava violão cantava mais, fazendo a primeira voz, mas ambas cantavam. (Diário de Campo: 29/10/2016)

E nas *rimas* estimulam a participação de mais mulheres a começarem a *rimar* com elas ali nas *batalhas*. Houve muita *mina* que chegava envergonhada para *mandar sua rima* ali pela primeir vez, mas as *manas* que estão sempre ali dão toda força e abraço para mais mulheres participarem.

Uma moça que foi pela primeira vez à Batalha das Mina se inscreveu para batalhar. Ela ficou com muita vergonha na hora que seu nome foi chamado, e quase não foi, mas as manas que já estão há mais tempo estimularam ela. No primeiro round ela tentou participar, ouviu o beat por um tempo mas desistiu, então foram com calma e paciência e a plateia estimulando com gritos de “uhu” e fazendo um beat mais forte. Uma das mana dançando mais, a roda se fechando mais ainda, e essa mana olhando no olho dela. Então a garota que estava pela primeira vez ali improvisando fixa o foco no olho da mana a sua frente e cria coragem, manda uma rima e começa a rir, a plateia comemora se divertindo, depois de rir ela canta mais um pouco e ri de novo. Ela se sente mais a vontade no segundo e terceiro round, por mais que perdeu a batalha, mas foi nítido o quão bem acolhida e empoderada ela foi. (Diário de Campo: 10/09/2016)

[...] E muitas vezes nem sabia que podia, que um dia até conseguiria, mas eu to aqui pra provar, a mana ali também, que qualquer um pode fazer rima aqui, não se faz de refém daquela corrente que arrebeta a tua mente tentando te fazer mais um, um conseqüente, inconsciente, nós tá aqui pra dizer que não, nós vai se orientar e causar a revolução, eu até nem vou me estender muito aqui, não tenho mais muita ideia pra poder evoluir, então

22 Toda noite algumas *manas* vendem trabalhos artesanais, lanches, cachacinhas (“cachacinha artesanal, uma é três, duas cinco real”), estampas de camisetas, etc.

quero ver a mana que vai chega aqui e vai mandar sua ideia pros outros podê escutar. (Transcrição de *rima: Free-style*, 01/10/2016)

Subvertendo os padrões, as *mina* estão conseguindo representatividade. Noto pela quantidade de *manas* que vão ali *rimar* ter aumentado muito; e pela quantidade de pessoas que vão ali para escutar também ter aumentado; pela união que as *mina* ali tem e quando vão em *rolês* representam; pelo *rolé* que fizeram com as rappers de São Paulo que repercutiu na cidade; por uma das *mana* que foi para São Paulo na primeira *batalha* de rap só de mulheres, representando o sul do país; pelas oficinas de rap que fizeram em uma escola ocupada no interior do estado; pela visibilidade em outros estados; e pela representatividade que causam.

Uma mina também que se declarou ser de Rio Grande do Sul deixou uma poesia recebida com muitas palmas e gritos, ela disse que veio de Rio Grande e que adora a Batalha das Mina e que estão querendo começar uma lá também, e havia prometido as amigas de lá que faria uma intervenção nessa noite na Batalha das Mina. Isso deixou as manas da Batalha das Mina bem excitadas em ver a repercussão e o empoderamento que davam para mulheres até de outros estados. (Diário de Campo: 10/09/2016)

Batalha das Mina é representatividade e resistência: “... Tema é resistência. Resistência todo dia nessa sobrevivência, nessa batalha que nois tá aqui, desde janeiro eu vi várias mc surgir...” (Transcrição de *rima: Resistência*, 15/10/2016)

4.3 “Fala mêmo, fala mêmo...”²³: Consciência das políticas de gênero e suas interseccionalidades

Quebre as barreiras, supere seus limites. Conquiste, grite e hit quem quer te prender, não ligue, não acredite no que falam. Fique atento pois só o coração eles não calam. Abra os olhos, observe a nossa volta, tem muita informação, mas o que realmente importa? Tem tudo pra vender, mas o que você precisa? O melhor vem de graça, para e contabiliza. Mas a culpa é de quem? Nos moldam desde o berço. Quem acha que vê tudo, não enxerga nem um terço. Democracia? História bonita para boi dormir. Sociedade? Conto de fadas pra se consumir. Manipulam nossa história, tomam nossa terra, apagam nossa memória, e mantêm o povo em guerra. Já tava tudo armado, o verdadeiro circo. Vejo abismada como eu pude cair nisso.

23 Bordão utilizado com frequência pela roda para empoderar as MCs

[Pergunte?] a Jah, nunca é tarde pra acordar. Eles nos querem caladas, mas nós não vamos ficar. (Transcrição de *rima: Free-style*, 10/09/2016)

Vamo fazendo o beat assim devagarsin, a gente aprende vamo, vamo até o fim [...] Já tamo cansada e vamo falar, eu já cheguei aqui na quebrada e vamo constá. Vamo constá a palavra feminina, e falar das pretas, e também da sina, o que a gente quer ser, o que a gente quer ver. Vamo mudar o sistema e fazer valer, e fazendo valer, eu quero ver outra rima, outra mana rimar, rimando junta vamo mandar. (Transcrição de *rima: Free-style*: 01/10/2016)

O intuito inicial da *Batalha das Mina* é nitidamente empoderamento e representatividade feminina e de mulheres. Grande parte das *rimas* e dos temas, sugeridos pela roda, são sobre o tema que está presente em todas as mulheres ali, machismo:

[...] Mas quem diria Batalha das Mina, [...] a gente fala mêmô e olha só quem diria, as mina tão sorrindo, a gente tá curtindo, porque a gente fala do problema ou opressão que a gente sofre no dia a dia [...] A gente desenvolve nas ideia, conhecimento aqui é a nossa estratégia, a gente chega mêmô e representa. A gente faz a nossa cena, aqui é nosso esquema. A gente tá pelada, mas tamo bem armada [...] (Transcrição de *rima: Racismo*, 29/10/2016)

[...] Ideia machista, não vou passar pano, e aí desculpa os mano [...] Escuta e tenta entender, ideia machista não pode prevalecer (Transcrição de *rima: Free-style*, 01/10/2016)

E vão falar mesmo (“fala mêmô”) sem medo algum, vão combater de frente pelas *rimas* questões que cercam o machismo e o patriarcado, e ali vai ser um espaço de acolhimento para se proteger, falar sem medo, e principalmente se empoderar.

A mana [XX], o poder é seu, sente então, sente quem é você e quem sou eu. Sente a vibração, toda de mulher preta na correria, a gente chega e não aceita. A gente fala mesmo se eles tão achando que o rolê aí vai ficar só me cobrando, vai ficar maltratando as mina preta na periferia [...] E aí se o muleque cresce e não tem pai, a gente ainda fala que a puta é que pariu, e o puto que fugiu, você não lembra não? [...gritos...] Você que escolhe. A gente só tá aqui pra mandar aquela *vibe*, e proteger as nossas.” (Transcrição de *rima: Aborto*, 29/10/2016)

Aí eu to aqui [...] E aí muleque, me diz que tu tá me olhando. Pode crê, já tô formada nessa sua ladainha, sai da minha [...] Eu tô aqui pra mostrar o que é empoderamento, que as mana aqui que cansou de viver no esquecimento, e o silêncio que causa agonia, aquela parada que você... É eu até me atralhei. Eu fico tão frustrada com isso que até vou usar uma rima repetida aqui pra poder encaixar. Porra cara, hoje foi um dia foda, deu um monte de treta na minha vida, mas eu tô de pé, porque eu tô ligada que pra ser mulher tem que aguentar várias porradas da vida, de fé. (Transcrição de *rima: Free-style*, 01/10/2016)

Reclamam das imposições que o patriarcado faz em seus corpos, ditando modelos e padrões em como se comportar ou vestir.

[...] Dessa sociedade hipócrita que quer me manter na fila, na linha, falar o que eu devo e não devo fazer. Me diz aí ô seu cusão quem é você pra querê me merecer? Pra querer falar o que eu devo ou não usar, como eu devo me portar? E acha que pode me ofender no rolê, querer falar da minha conduta sem manjar do meu proceder. (Transcrição de áudio: *Free-style*, 15/10/2016)

[...] Maria: É, são muitas vozes que são caladas, são muitas mulheres que sofrem opressão a todo momento, por um olhar, você tá passando, o cara olhar, tipo, sabe... E se você não tá num padrão aí você já num serve nem pra ser admirada já, serve pra ser julgada, entendeu, então tipo assim, a violência ela é a todo momento, porque ao mesmo tempo que se você tá ali no padrão de gostosa e pá pá pá, você sofre por ser gostosa, se você não tá nesse padrão do que é ser gostosa, você sofre porque você não tá no padrão, então a mulher ela sofre de todo jeito...

Simone: É, nunca tá bom...

Maria: Nunca tá bom. Ah porque você é muito fechada e tal, “porque você é muito fechada”, porque você é muito aberta, “ah, você é muito aberta”...

Simone: “Você é muito tímida”...

Maria: Que que eu tenho que ser? Eu tenho que ser é eu...

Virgínia: “Você fala alto demais, cê tem que baixar seu tom de voz”

Simone: É...

Maria: É, é...

Simone: Puta que pariu mano...

Maria: “Ah, fala baixo de mais, tem que falar mais alto”, tá ligado? Tipo assim, é uma omissão mesmo da essência de cada uma, de cada um, assim, mais da mulher né no caso.... É, dela poder ser ela... [barulho de moto] Tem sempre que se enquadrar em padrões pra poder ser aceita: a roupa que veste, é... o jeito que fala, o cabelo que tá, pá...

Simone: É a unha que não tá pintada...

Maria: Entendeu? É tudo, é tudo...

Simone: Por isso que a gente taca o foda-se e a gente é o que a gente é mesmo, e a gente tá ligando, assim, tá cagando pra opinião da sociedade...

Maria: Exatamente... Só que isso traz essa força de falar, pô, reafirmando que a gente mesmo ser o que a gente quiser, entendeu? Não preciso me depilar pra mostrar que...

Simone: Ah...

Maria: Foda-se, o corpo é meu, eu que decido, dane-se se você não gostou, ontem ficou bem claro...

Simone: Problema é seu...

Maria: “O corpo é meu. Não gostou, problema é seu. Não preciso da sua opinião, então valeu”...

Simone: “Então valeu”...

Maria: Tipo, meu. Resumiu, tá ligado? [...] (Trecho da entrevista: 19/11/2016)

Põem em pauta a diferença da reação do oprimido com a agressão do opressor. Por exemplo, quando um homem (em seu lugar de privilégio) ao passar por uma mulher decide buzinar ou fazer alguma forma de assédio, caso a mulher reaja xingando ele ou escrevendo *textão* no *facebook* não é a mulher que é agressiva. Dizemos que isso é a reação que se deu por conta de toda opressão que ela já passou anteriormente. Elas podem explicar melhor que eu essa questão:

[...] Que desculpa meu irmão, não nasci pra ser passiva, tá ligado? É aqui que tu quer reclamar da agressividade que as mina vem te tratar? Vou te falar a ideia, aqui as mina pode se manifestar como ela quiser, mas assim vou te mandar a ideia: não confunda a violência do opressor com a reação do oprimido. Eu duvido, eu duvido, cê se conseguir se colocar naquele lugar, escutar aquelas paradas e não querer reclamar, escutar todo dia alguém te desfazendo, te diminuindo, mano, mano... (Transcrição de *rima*: Agressividade, 01/20/2016)

[...] A gente solta a letra e põem a boca no trombone [...] mas não pode TPM... Maninho eu não sou grossa, cê que é muito apertadinho [...] (Transcrição de *rima*: Agressividade, 01/10/2016)

É frequente a expressão *passar pano* ali. Quando dizem isso, elas remetem a ignorar que o *cara* é machista por ele fazer parte do *rolê*, disfarçar atitudes machistas porque o rapaz é próximo. No movimento elas dirão que não aceitarão *passar pano*, vão falar de forma direta quando alguém ali tiver algum histórico de assédio, ou quando algum rapaz cometer alguma atitude machista. E silenciar essas questões ou não dar atenção é uma forma de mantê-las, de deixar essa cultura acontecer. Na *Batalha das Mina* elas não vão deixar, vão bater de frente com o problema. Uso novamente um trecho dos diários, para ilustrar que assumindo esse espaço de fala, pela música, elas conseguem se impor naquele espaço público:

Em um determinado momento, uma das *manas* cola no ouvido de quem está calculando o tempo das *batalhas* e fala que um machista chegou no role e que não vai ficar, então joga o tema da *batalha* para “machistas colando no rolê” (ou algo assim), e as *manas* com a energia a mil improvisam falando disso. Depois pelo que me parece, eu não sabia de quem estavam falando, mas acredito que o rapaz foi embora porque o clima ficou mais calmo depois. (Diário de campo: 08/10/2016)

Não consigo nem pensar, não consigo nem formular uma frase pra poder falar, de tanta raiva que eu sinto desses mano que acha que pode fazer com o meu corpo e das minhas irmãs o que eles bem entendê. Dá licença, pô eu vou repetir, porque não adianta quantas vezes eu falar, sempre vai ter um babaca pra omitir [gritos] [...] passei aquele pano pra geral, “ele é machista, mas é meu amigo ele é bem legal” [gritos] [...] Aqui nós não vai passar nem um pano pra machista, porque a tua piadinha escrota no grupo da sala vai fazer a cultura do estupro se propagar. Não é só aquele que comete a violência que na real comete... total machista enquanto continuar passando pano pra essa gente. (Transcrição de *rima*: Estupro, 01/10/2016)

Mana XX antes do *free style* conscientiza de denunciar estupradores e de conscientizar pra não deixar passar, porque “quem passa pano pra Jack, Jack é”. (Diário de campo: 10/09/2016)

Os temas não ficam em torno apenas do machismo – por mais que sempre haverá muito a se falar –, também permeiam muito em volta de questões de classe e

de negritude. Quando falam de racismo, também dizem respeito a homens, mas ainda há uma invisibilização e opressão maior, quando além de ser negro, ser mulher negra.

Identidade é foda, tem uns bicho que me vê e acha o que? Sapatão preta no rolê. Eu vou falar, só posso falar da minha identidade, é muito louco cada um tem a sua identidade, você tem que saber qual é, você tem que saber de onde que tu veio pra não servir de papel de zé mané... massa de manobra aí qual é que é? Se tu é preto é foda, tem que saber, sempre que te incomoda, não pode só sentá na sua caminhada, tem que lembrar dos irmão que tão sempre lá na quebrada. Porque se você vai e cresce no rolê, pode crê, a cultura é de embranquecer. Mas vamo colar nesse rolê pra falar, as mina preta tem o poder e pode e pá. (Transcrição de *rima*: Identidade, 10/09/2016)

[...] Qual é que é? Querem tirar até as mulher de black, querem vender a cultura negra, mas não querem que as pretas sejam donas da porra toda... se as pretas aqui precisam também falar, e eu então vou escutar. Representatividade da rua importa, mêmô que eles te fechem a porta. (Transcrição de *rima*: *Free-style*, 01/10/2016)

O número de *MCs* que *mandam sua rima* nas *batalhas* aumentou muito desde o começo da *Batalha das Mina*, muitas mulheres foram ali pela primeira vez, muitas começaram a *rimar* e ainda continuam. Há vezes que tem dezesseis *mina* na chave de inscrição para *batalhar*, sem contar as que *rimam* apenas no *free*. Esse é um espaço para empoderar e dar voz à qualquer *mina* e para o gênero feminino.

Empoderamento. Fortalecimento feminino, mas não é só quem tem buceta não, é quem tem qualquer corpo que se sente... o tempo todo a gente vai... fortalecendo, sentimento sim que vem de dentro. A voz do oprimido, a voz da mina preta, a voz da mina gorda. a voz da mina clara, a voz da mina ruiva, todas juntas se fortalecendo e se ouvindo, a gente é assim e [faz/vai] resistindo e existindo. Acreditar que tudo um dia tentaram nos empurrar goela a baixo, a gente um dia vai cuspir fora, vai vomitar. E vamos sim, vamo acreditar. A força vem de dentro, mas o apoio é do lado. E a gente se fortalecendo, a gente fortalece e vai pra frente [...] Corrente não é só o que nos prende [...] É fazendo um passinho de cada vez. A gente não nasce sabendo, mas a gente pode aprender e vai fortalecendo. (Transcrição de *rima*: Empoderamento, 10/09/2016)

Não existem espaço para as *mina* apenas nas *rimas*, ali as mulheres se empoderam em poesias, em canções, e até dançando, não esquecendo de contar quantas que se empoderam apenas de estar lá presentes mesmo escutando.

No *free*, Mana XX chama as pessoas que estavam dançando break para o meio da roda dançar, começou uma menina, depois outra que mandou muito muito bem e ganhou muitos gritos vibrantes, e logo antes de sair e ter mandado muito bem, ela com os braços esticados, bate com as mãos

abertas apontando sua virilha (algo como “meu poder de mulher”). (Diário de campo: 29/10/2016)

As *batalhas* de conhecimento abordam quaisquer tipos de temas, normalmente temas polêmicos sobre realidades de oprimidas e oprimidos. É uma prática de estudar atualidades e de conscientização política.

É curioso, você pode até pesquisar na internet, poder falar de colonialismo no dia do Oktober Fest... um bando de cusão que só chegou aqui pra roubar, e disputar, e tirar todos os índios que aqui estavam e que já tinham construído um lar. É vou te falar, o colonialismo deixa uma raiz muito profunda, é por isso que a população hoje tá tão imunda. Porque a gente nunca vai ter a oportunidade de poder ter uma sociedade de verdade, sem ter como base a exploração, o escravagismo e o preconceito, meu irmão [...] quer me comparar com um país norte europeu, com o país que é o Brasil. (Transcrição de *rima*: Colonialismo, 15/10/2016)

[...] E agora com essa reforma, terceirização, não vamo temer não. E é por isso que não vai mudar, vamo fazer manifestação, muito mais, e vamos questionar, a ideologia na escola nós temos que falar [...] (Transcrição de *rima*: Juventude perdida, 01/10/2016)

[...] Vamo conversar, aborto tem que ser um tema em pauta... Pode crê as rica tão abortando, mas a pobre aqui como tão se virando? Estão fazendo às escondidas, mas chega mais, vamo falar com as amiga. (Transcrição de *rima*: Aborto, 01/10/2016)

Aborto é um tema bem freqüente, assim como procurar máxima consciência de que há várias realidades diferentes. Aborto pra quem é de uma classe mais alta é completamente diferente para quem pertence a uma classe econômica inferior, as condições e situações diferem imensamente. Aborto irá acontecer, sendo legalizado ou não, a grande diferença é como isso reverbera em realidades de classe sociais diferentes, como mostra Flávia Motta (2015). Deixo as *mina* falar, sabem mais que eu:

[...] Qual é o aborto, será que primeiro é do governo que não dá assistência social? [...] (Transcrição de *rima*: Aborto, 10/10/2016)

Falar de aborto [...] Esse é um tema bem polêmico, porque as mina pobre estão morrendo, mas as rica continuam fazendo em clínicas particulares, enquanto as pobres morrem em seus lares tomando citotec, medicamento contrabandeado as vezes chega ali, é do negro o mercado. Então, preste bem atenção, as minas estão sangrando e morrendo, o que cê tá fazendo então só julgando? Essa escolha não é sua. O útero é da mulher. Então, se conecte com o que você quer. Se conecte com você, o poder é seu, pra desenvolver se for escolher gerar, então preste atenção, vai gerar uma criança, um sentimento dentro do seu coração, mas a escolha é tua se você quiser dizer não. (Transcrição de *rima*: Aborto, 29/10/2016)

Falam também de temas que dizem respeito e interferem em suas sexualidades, como a pornografia que cria padrões culturais de sexualidade e que gera tentativas de serem aplicados na prática. A pornografia mostra uma (i)realidade que por ser parte da cultura serão reproduzidos e afetam diretamente na vida sexual de mulheres. Além de levantar essa questão, também geram foco para uma realidade bem presente atualmente: de homens que filmam relações sexuais com suas parceiras para servir de prêmio para sua soberana masculinidade e poder comparar e competir com seus outros machos compulsórios.

37 anos é a expectativa de vida de quem pra você é... faz isso por iniciativa. E ah, tu vai querer me dizer, que é tão importante você poder a sua punheta bater. Vocês por aí, as mina aqui que tão gravando, que estão ali se submetendo nesse mundo, ah até me perdi. Porra fico com tanta, que é até difícil a palavra sair. Tudo bem eu vou deixar fluir porque [...] Esse sistema que me explora. Quer dizer que a mulher que sente dor é que apavora? É que é bom e é normal? [...] O que importa é fazer o mano gozar seja com ou sem caminsinha? Sei lá, eu tô aqui, eu tô aqui pra te falar, o meu corpo é só meu e cê tem que respeitar e não sair com essa fita de me filmar. Cê acha que eu sou o que pra cê chegar e me expor? Não sou qualquer uma, eu sou todas aqui. Todas elas merecem respeito irmão, cê tem que evoluir. (Transcrição de *rima*: Pornografia, 15/10/2016)

Há uma grande quantidade de mulheres negras *batalhando* que não deixam de falar de questões raciais. Com consciência social e histórica, elas falam do problema da apropriação cultural, e do reconhecimento da realidade que vivemos. Ter consciência do lugar que ocupamos na realidade nua e crua é necessário para lidarmos com as pessoas e tratar de nossos preconceitos internalizados pela cultura.

Esse tema até me doi. Eu vou sentir que uma galera aqui, se doi. É a gente fala a real, na cara, a gente não fica aqui com a rima rara [...] (Transcrição de *rima*: Apropriação cultural, 01/10/2016)

[...] Tem que ouvi a voz das preta que tem pra falar [...] Vai pensando seu privilégio branco, vai pensando. (Transcrição de *rima*: Privilégio Branco, 29/10/2016)

Por ser um movimento de rua e rap, é difícil não abordarem temas que remetem à desigualdade social.

Meritocracia pra mim é história pra boi dormir [...] enquanto favelado não tem o que comer em casa [...] que passou em medicina em primeiro lugar, enquanto o Jão tá lá na escola pública, aqui não tem merenda, muito menos uma fruta pra comer no intervalo, cê tá ligado que o bagulho não é o seu

próprio quadrado? Se você passou [...], não vou passar pano, porque o favelado tá ali é precisano. (Transcrição de *rima*: Meritocracia, 15/10/2016)

Temas presentes na urbanicidade também são freqüentes, assim como o pixo, uma expressão urbana. Por que uma grande empresa pode ocupar as paredes da rua para expor seus produtos visando lucro, e pessoas não podem se expressar nas paredes da rua visando consciência? Esse lugar de subalternidade está também presente nas ruas ao compararmos uma empresa e uma ou um cidadã ou cidadão.

Floripa, cidade limpinha né tio. É tão bonitinha, dá até pra você comer sentada na esquina, que não tem um papelsinho porque a comcap passou a noite e já limpou a sujeira que tava rua, jovem nem ve, mas aí a galera reclama porque as paredes tão sujas. Tá, tão sujas, querem branco limpinho, tá tudo ruim não tá? Tá tudo toma no cu não tá? Tá foda, então vamo sujá velho. Vamo mostrar nosso vômito interior. Vamo meter as tinta na parede e vamo dizer que essa cidade branquinha e limpinha não existe quando tiver criança morrendo de fome e quando a gente tivé fudendo trabalhando [...], e patrão filha da puta enchendo os bolso e andá de carrão. Manda as criancinha pro colégio de rico né. Porque o coleginho particular é melhor do que a escola de lá onde as criancinha tão jogadas. Então vamo acreditar que assim, enquanto a gente fizer, quiser, sentir e existir, a rua vai ser da cor desse mundão tá ligado? (Transcrição de *rima*: Pixo, 10/09/2016)

Saber da subalternidade e opressão é necessário para conscientizar-se, assim como do que a cultura ressalta e define como padrões. O colonialismo foi e é uma imposição cultural, que oprime e define categorias de privilégios e subalternas; então há uma exaltação das oprimidas, assim como da América Latina em resistência ao imperialismo europeu e estado-unidense cultural presente em nossa sociedade.

[...] A gente tem que dá voz pra esse povo, que também é igual a nós. (Transcrição de *rima*: Massacre indígena, 10/09/2016)

[...] Tudo que a mana pôs aqui na mesa pra rodar. Pras ideias, a gente sim, pra olhar, que a meritocracia é um reflexo de toda a escravidão, de toda exploração, de todo genocídio, todo estupro que a gente sempre esquece e finge que absorve [...] Cultura branca? [...] americanizada, europeia. Paga pau pra europeu, se toca aí mermão, sistema aqui é um grande é grande breu [...]. (Transcrição de *rima*: Colonialismo, 15/10/2016)

Aí se cuida seu machista, porque com certeza, América Latina é toda feminista, é mó firmeza. Mas tem que falar mêmô, não quero saber dessa cultura europeia. Eu tô na minha, eu faço a minha história [...] Salve toda a América Latina, todas manas e os manos, salve as manas lá, do México e pá, salve as caribenha, todas as indiginá [gritos] (Transcrição de *rima*: América Latina, 01/10/2016)

E que muito me representa, quando falam também de masculinidade e do ser homem, e as vezes propondo subverter os padrões de gênero e performatividade do mesmo.

E o machismo está implantado, desde o berço, desde que ensinam que só a Maria que tem que rezar o terço. Então pense bem, você tem que ir além dessa visão... pra se libertar [...] Então agora se livre, se liberte. Homem, eu digo pra você que você é feminino, faça disso como se fosse hino, pra você respeitar a mãe, a Mãe Terra, e se livrar dessa guerra que querem impor [...] Então preste bem atenção, mulher já aprendeu a ser hõmi, hõmi tem que aprender a ser mulher então. (Transcrição de *rima*: Machismo, 29/10/2016)

A consciência política e social, assim como a consciência da própria realidade, é um caminho para o empoderamento. Nas *batalhas de conhecimento*²⁴ ao discorrer sobre assuntos que cercam suas realidades, temas que elas vivenciam diariamente ou que vêem em outras realidades, é uma forma de se empoderar; tomar consciência e exigir; demandar respeito e direitos; assumir os espaços que elas sabem que podem assumir, por mais que precisem subverter os padrões de uma cultura que invisibiliza esses espaços. Falando “*mêmo*”, elas tomam consciência para elas; mas também, cantando em público, levam essa consciência para que haja empoderamento em mais mulheres ali presentes, e nos gêneros femininos e também nas mulheres que ali escutam, discutem, aprendem, e compartilham das idéias.

24 Em *batalhas* de rap existem dois tipos, *batalhas de sangue* que as e os *mcs rimam* em confronto a questões pessoais de sua ou seu duelante, e as *batalhas de conhecimento* – eis o caso presente – onde as e os *mcs rimam* sobre temas de conhecimento, e a platéia vota em quem acha que desenvolveu melhor o tema, não tratando de questões pessoais.

CONSIDERAÇÕES

[...] E quando eu consegui sentir mesmo, assim mesmo tipo, uma familiaridade, conhecer as mana de mais perto, conviver pra fora também da Batalha e ver que num é só palavras, que é união de verdade, é um propósito, sabe? É... pô, a gente num tem que gritar o feminismo é só aqui não, é diariamente, tá ligado? (Trecho da entrevista)

Como havia dito anteriormente, o trabalho presente é apenas uma monografia de TCC; não pude coletar todos os dados, e nem usar todos os dados coletados; tento apenas ilustrar como ocorre o empoderamento de uma voz oprimida através de práticas musicais, mas o trabalho presente não visa definir a *Batalha das Mina*, porém aprender com ela.

Para as categorias de subalternidades dentro da sociedade se empoderarem, elas criam espaços de representatividade, onde poderão se sentir representadas e a vontade para se expor, se expressar. Essas expressões muitas vezes dizem respeito a suas condições e experiências, também as suas vontades, desejos e lutas; quando possuem esse espaço para expressar elas sentem-se mais a vontade para por em prática, e também ao saberem que existem pessoas que se identificam e apoiam sua luta e suas causas; assim como para quem se empatiza com as falas, sente-se força para acreditar que não precisa ocupar sempre esse espaço de subalternidade. Além de trazer força e representatividade de quem já acredita em seus ideais e causas sociais, esse espaço traz visibilidade para essas lutas, e assim faz com que mais pessoas possam conhecer e aderir às ideias.

Se empodera quem precisa; categorias subalternas, não são subalternas e criam espaços de representatividade sem motivos. Elas tem uma razão para buscar esse empoderamento, por sentirem na pele que a sociedade marca padrões e modos de conduta para essas categorias, ou que são invisibilizadas em mídias ou assuntos do dia a dia. Então para se empoderar, é preciso tomar consciência do que lhe cerca, é preciso reconhecer que esses padrões lhe tiram a liberdade e espontaneidade. Então as *batalhas de conhecimento* buscam trazer consciência a cerca da sociedade e de questões históricas; tendo essa consciência se reconhece uma causa para empoderar e criar a representatividade que a sociedade lhe nega.

E mesmo quando as *mina* mostram que tem a mesma capacidade que qualquer homem para *mandar a sua rima*, e se articularem, se mesmo assim, ainda forem silenciadas apenas por conta de seu sexo e seu gênero; elas buscam um espaço de autonomia, onde fazem o movimento delas. Não se trata de excluir ou oprimir as categorias que já tem privilégios, mas de dar foco e protagonismo para as oprimidas, isso se torna, na verdade, um movimento de inclusão, por incluir representatividade de vozes invisibilizadas. É muito importante, se as categorias subalternas não ganham visibilidade, que elas criem essa própria visibilidade. E esse movimento que é tão inclusivo está crescendo cada vez mais.

Eu, enquanto pesquisador, não me interessei apenas em escrever um trabalho, mas em aprender; buscar desconstruir essa hegemonia imposta socialmente. Enquanto estive nas *batalhas*, estive refletindo sobre meus locais de privilégio, e criando empatia com as lutas das pessoas ali. Estive me conscientizando de questões que a mídia convencional ou que pessoas convencionais não me forneceriam.

Mesmo eu, com privilégios em ser um homem branco hetero cis de classe média, não me encaixo nos padrões sociais da heterossexualidade compulsória e normativa. Ali na *Batalha das Mina* eu me sentia a vontade e livre para me expressar e sentir minha personalidade interna sem máscaras para enquadrar em padrões sociais, diferente de uma conversa em grupos de homens heterossexuais onde as risadas e assuntos já estão tão automatizadas que não me sinto espontâneo ou sincero nesses ambientes.

Nossa cultura ressaltou tanto o gênero masculino, tanto para homens quanto para mulheres, como não chorar, não demonstrar emoções, ser racional, individual, orgulhoso, agressivo, características e comportamentos do ser “macho” ou masculino que reconheço que essas construções de gênero são as causas de muitos problemas sociais. A heterossexualidade normativa espera que haja uma relação de poder entre os gêneros, isso se reflete em questões de opressão à sexualidades não hegemônicas, etnias e culturas diferentes, e principalmente nas relações amorosas, sexuais e afetivas. A heterossexualidade compulsória estimula a meninas se submeterem na posição de silenciamento e invisibilidade; e homens a cultura do estupro e de assédio ao gênero e sexo oposto, a agressividade.

Acredito que o gênero feminino foi tão silenciado e que agora é hora de ouvi-lo, acredito que a nova revolução está em desconstruir as relações e definições do gênero, em buscarmos a espontaneidades além dessas construções sociais. Mas antes, ter consciência da opressão que o gênero feminino sempre sofreu, e então compensar essa realidade histórica trazendo foco ao gênero feminino. “*Mana XX* falando: ‘A revolução agora tá no feminino... na empatia, sororidade...’ logo em seguida pediu um abraço coletivo pra *mana XX* que estava mal no dia. (Diário de Campos, 29/10/2016)

Proponho um convite para as e os leitoras e leitores: que mudemos o foco (até dentro de nossos focos internos), que troquemos o protagonismo pelo menos agora. Mulheres e o gênero feminino foram oprimidas desde que a sociedade se constitui de patriarcado; se buscamos aprender, aprendamos com o novo, vamos dar voz para o novo, vamos dar protagonismo para o gênero feminino e para as mulheres, que temos muito para evoluir assim.

[...] O rap é isso aí, nós tamo aqui pra prosseguir, falando uma letra pra você curtir, evoluir, pensar, refletir, construir um pensamento mais consciente, e segue com a gente, segue coerente [...]” (Transcrição de *rima: América Latina*, 01/10/2016)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISCARO, Bárbara. Gênero, sexo e escuta na voz em performance. *Urdimento*, v. 1, n. 22, p. 15-26, julho 2014. Florianópolis, 2014.

CASCUDO, Teresa; AGUILAR-RACEL, Miguel Ángel. *Género, musicología histórica y el elefante en la habitación*. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONESCA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 27-55.

CHODOROW, Nancy. "Family Structure and Feminine Personality." In: ROSALDO, Michelle Z.; LAMPHERE, Louise (eds.). *Woman, Culture, and Society*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1974, p. 43-66.

CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering*. Berkeley: University of California Press, 1978.

DOMENICI, Catarina. A performance musical e o gênero feminino. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONESCA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 89-109.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1989

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. *Música, Mulheres, Territórios: uma etnografia da atuação feminina no samba de Florianópolis*. *Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia*. 2010 vol. 5.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Os percursos da etnomusicologia feminista nas últimas quatro décadas: uma visão de dentro por Ellen Koskoff. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(2): 292, maio-agosto/2016, p. 673-676.

GROSSI, Miriam; MELLO, Luiz; UZIEL, Anna Paula. Conjugalidades e Parentalidades de Gays, Lésbicas e Transgêneros no Brasil. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (2): 248, maio-agosto/2006. Florianópolis, 2006, p. 481-487

JACQUES, Tatyana de Alencar. Comunidade Rock e Bandas Independentes de Florianópolis: Uma Etnografia Sobre Socialidade e Concepções Musicais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

KOSKOFF, Ellen. *A Feminist Ethnomusicology: Writings on Music and Gender*. Chicago: University of Illinois Press, 2014.

LEPPERT, Richard. *The sight of sound: music, representation, and the history of the body*. Berkeley: University of California Press, 1993.

LIMA, Aldenora Cristina Costa. *Saltando e quebrando: o rap pensa identidade no trânsito entre Bahia e o Maranhão*. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2006.

MCCLARY, Susan. *Feminine Endings*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.

MESSIAS, Ivan dos Santos. Hip-hop: educação e poder: o rap como instrumento de educação. EDUFBA, Salvador, 2015.

MOISALA, Pirkko. *A Negociação de Gênero da compositora Kaija Saariaho na Finlândia: a Mulher Compositora como Sujeito Nômade*. Tradução de: Camila Durães Zerbinatti. Revista Vórtex, Curitiba, v. 3, n. 2, 2015, p. 1-24.

MOTTA, Flávia de Mattos. Sonoro Silêncio: história e etnografia do aborto. Ponta Grossa: Todapalavra, 2015.

MÜLLER, Vânia Beatriz. “*A música é, bem dizê, a vida da gente*”: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre – EPA. Dissertação de Mestrado em Música, área de concentração: Educação Musical, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

MÜLLER, Vânia Beatriz. Música e Gênero: impressões de um trabalho de campo no Rio de Janeiro. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONESCA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013, p. 336-353.

NOGUEIRA, Isabel Porto; FONESCA, Susan Campos (Orgs.). *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16 (2): 440, maio-agosto/2008. Florianópolis, 2008, p. 305-332

ROSA, Laila. "Pode performance ser no feminino?". *Ictus*, v.11, n. 2, 2010, p. 83-99.

ROSA, Laila. "Podem as subalternas cantar?: branquitude e racismo versus mulheres negras, cantos e performances no feminino da Jurema Sagrada". In: Garcia, Antônia dos Santos; GARCIS, Raul Garcis J. (Orgas.). *Relações de gênero, raça, classe e identidade social no Brasil e na França*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, p. 121-142.